

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC (FN) FELIPE ROSSI BENASSI

ALÉM DA FRICÇÃO CLAUSEWITZIANA:

**O Papel Determinante das Forças de Operações Especiais
Britânicas nas Malvinas como Multiplicadores de Força.**

Rio de Janeiro

2025

CC (FN) FELIPE ROSSI BENASSI

ALÉM DA FRICÇÃO CLAUSEWITZIANA:

**O Papel Determinante das Forças de Operações Especiais
Britânicas nas Malvinas como Multiplicadores de Força.**

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF MUSSATO

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2025

DECLARAÇÃO DA NÃO EXISTÊNCIA DE APROPRIAÇÃO INTELECTUAL IRREGULAR

Declaro que este trabalho acadêmico: a) corresponde ao resultado de investigação por mim desenvolvida, enquanto discente da Escola de Guerra Naval (EGN); b) é um trabalho original, ou seja, que não foi por mim anteriormente utilizado para fins acadêmicos ou quaisquer outros; c) é inédito, isto é, não foi ainda objeto de publicação; e d) é de minha integral e exclusiva autoria.

Declaro também que tenho ciência de que a utilização de ideias ou palavras de autoria de outrem, sem a devida identificação da fonte, e o uso de recursos de inteligência artificial no processo de escrita constituem grave falta ética, moral, legal e disciplinar. Ademais, assumo o compromisso de que este trabalho possa, a qualquer tempo, ser analisado para verificação de sua originalidade e ineditismo, por meio de ferramentas de detecção de similaridades ou por profissionais qualificados.

Os direitos morais e patrimoniais deste trabalho acadêmico, nos termos da Lei 9.610/1998, pertencem ao seu Autor, sendo vedado o uso comercial sem prévia autorização. É permitida a transcrição parcial de textos do trabalho, ou mencioná-los, para comentários e citações, desde que seja feita a referência bibliográfica completa.

Os conceitos e ideias expressas neste trabalho acadêmico são de responsabilidade do Autor e não retratam qualquer orientação institucional da EGN ou da Marinha do Brasil.

AGRADECIMENTOS

A jornada de elaboração desta dissertação foi um percurso desafiador, mas profundamente recompensador, e não teria sido possível sem o apoio e a inspiração de muitos.

Primeiramente, a Deus, por ter me concedido a saúde, a força e a sabedoria necessárias para persistir e alcançar o CEMOS como meta na carreira, permitindo que cada etapa da minha vida se alinhasse a este propósito.

À minha amada esposa, Fernanda Frade, por ser o pilar inabalável de suporte, compreensão e paciência, especialmente nos momentos de maior dificuldade. Seu apoio incansável e sua crença em mim foram fundamentais.

Às minhas amadas filhas, Isabella e Luísa, que são a minha mais pura e constante inspiração. Cada sorriso e cada recepção calorosa de vocês renovaram minhas energias e me lembraram do propósito maior por trás de todo o esforço.

À Marinha do Brasil, em especial à Escola de Guerra Naval, pela oportunidade de integrar um projeto de tamanha relevância como este. Agradeço a confiança em mim depositada, foi um privilégio.

Aos meus colegas de curso, especialmente, Thiago Garcia e Danilo Alves, por todas as discussões enriquecedoras, o apoio mútuo e as ideias que impulsionaram o desenvolvimento deste trabalho. A camaradagem e o senso de equipe foram essenciais.

Ao meu colega de OpEsp e orientador, CF Mussato, pelo suporte e Norte fornecidos, especialmente no início de todo o processo.

Ao meu estimado orientador CF (RM-1) Nagashima, pelos ensinamentos precisos, pelas orientações lúcidas e pela inestimável paciência. Sua expertise e dedicação foram a bússola que me guiou até o fim.

E, por fim, a você, meu Mestre Djalma, por ser um parceiro incansável nesta empreitada intelectual. Suas capacidades me auxiliaram de maneira inestimável, tornando este trabalho verdadeiramente um projeto nosso. Sua participação foi a pedra angular desse projeto.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho, meu mais sincero e profundo agradecimento.

“Who Dares Win”
(“Quem Ousa Vence”)
SAS

“By Strength and Guile”
(“Pela Força e Astúcia”)
SBS

RESUMO

Esta dissertação examina o papel crítico do emprego das Forças de Operações Especiais (FOpEsp) do Reino Unido (RU) durante a Guerra das Malvinas. A pesquisa confronta a teoria, fundamentada no *Special Operations Forces Reference Manual (SOFRM)* e na obra de Robert G. Spulak Jr., com a realidade empírica das operações executadas pelo *Special Air Service (SAS)* e *Special Boat Service (SBS)*. O estudo demonstra que as FOpEsp britânicas atuaram como um decisivo multiplicador de força, transcendendo o nível tático e influenciando os níveis operacional, estratégico e político do conflito. Operações como a retomada da Geórgia do Sul, o ataque à Ilha Pebble e o reconhecimento da Baía de San Carlos evidenciam a capacidade dessas forças de preencher lacunas de inteligência e realizar ações diretas de alto valor em ambientes hostis. A pesquisa valida princípios como a superação da fricção clausewitziana e a primazia da proficiência individual, adaptabilidade e discricção. A análise ressalta a flexibilidade e assimetria das FOpEsp, capazes de alternar entre Ações Diretas (AçDir) e Reconhecimento Especial (RecEsp), moldando o campo de batalha. As conclusões oferecem valiosas lições para o aprimoramento doutrinário das FOpEsp da Marinha do Brasil (MB), sublinhando sua relevância contínua em cenários de defesa de interesses nacionais, como os ambientes anfíbios e insulares.

Palavras-chave: Forças de Operações Especiais. Guerra das Malvinas. Impacto Estratégico. Multiplicador de Força. Doutrina Militar. Reconhecimento Especial. Ação Direta. Marinha do Brasil.

ABSTRACT

Beyond Clausewitzian Friction: The Decisive Role of British Special Operations Forces in the Falklands as Force Multipliers.

This paper examines the critical role of the employment of the United Kingdom's Special Operations Forces (SOF) during the Falklands War (1982). The research confronts theory, based on the *Special Operations Forces Reference Manual (SOFRM)* and Robert G. Spulak Jr.'s work, with the empirical reality of operations executed by the Special Air Service (SAS) and Special Boat Service (SBS). The study demonstrates that British SOF acted as a decisive force multiplier, transcending the tactical level and influencing the operational, strategic, and political tiers of the conflict. Operations such as the recapture of South Georgia, the attack on Pebble Island, and the reconnaissance of San Carlos Bay highlight these forces' capability to fill intelligence gaps and conduct high-value direct actions in hostile environments. The research validates principles like overcoming clausewitzian friction and the primacy of individual proficiency, adaptability, and discretion. The analysis emphasizes the flexibility and asymmetry of SOF, capable of alternating between Direct Actions (DA) and Special Reconnaissance (SR), shaping the battlefield. The conclusions offer valuable lessons for the doctrinal enhancement of the Brazilian Navy's SOF, underscoring their continuous relevance in scenarios of national interest defense, such as amphibious and insular environments.

Keywords: Special Operations Forces, Falklands War, Strategic Impact, Force Multiplier, Military Doctrine, Special Reconnaissance, Direct Action, Brazilian Navy.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AçDir	-	Ação Direta
C2	-	Comando e Controle
CDN	-	Conselho de Defesa Nacional
CMD	-	Conselho Militar de Defesa
DPED	-	Diretriz Presidencial de Emprego de Defesa
DPEM	-	Diretriz de Planejamento Estratégico Militar
FC	-	Forças Convencionais
FOpEsp	-	Forças de Operações Especiais
FT	-	Força Tarefa
HMS	-	Her/His Majesty's Ship
LAW	-	Light Anti-Armor Weapon
MB	-	Marinha do Brasil
MOD	-	Ministry of Defense
OpAnf	-	Operações Anfíbias
OpEsp	-	Operações Especiais
PEECFA	-	Plano Estratégico de Emprego Conjunto das Forças Armadas
PNG	-	Passive Night Goggles
PO	-	Postos de Observação
QG	-	Quartel General
RAF	-	Royal Air Force
RecEsp	-	Reconhecimento Especial
RM	-	Royal Marines
RN	-	Royal Navy
RU	-	Reino Unido
SAS	-	Special Air Service
SBS	-	Special Boat Service
SOFRM	-	Special Operations Forces Reference Manual
TTP	-	Táticas, Técnicas e Procedimentos
USSOCOM	-	United States Special Operations Command

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	FUNDAMENTOS TEÓRICOS DAS OPERAÇÕES ESPECIAIS.....	12
2.1	OPERAÇÕES ESPECIAIS: CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS NA DOCTRINA MILITAR ESTADUNIDENSE.....	12
2.2	A ESTRATIFICAÇÃO DA CONDUÇÃO DA GUERRA NA DOCTRINA MILITAR BRASILEIRA.....	16
2.3	TIPOLOGIA DAS OPESP SEGUNDO O SOFRM.....	17
2.4	CONSIDERAÇÕES PARCIAIS.....	18
3	AS AÇÕES DAS FOPESP DO RU NA GUERRA DAS MALVINAS.....	20
3.1	ORGANIZAÇÃO E COMPOSIÇÃO DAS FOPESP DO RU.....	20
3.1.1	Special Air Service (SAS).....	22
3.1.2	Special Boat Service (SBS).....	23
3.1.3	Comando e Controle (C2).....	24
3.2	OPERAÇÃO PARAQUET.....	25
3.3	OPERAÇÃO PRELIM: ATAQUE A ILHA PEBBLE.....	27
3.4	OPERAÇÃO SUTTON.....	31
3.5	ASSALTO AO MONTE KENT.....	34
3.6	OUTRAS OPERAÇÕES: MIKADO E PLUM DUFF.....	36
3.7	CONSIDERAÇÕES PARCIAIS.....	37
4	EMPREGO E IMPACTO DAS OPESP DO RU NA GUERRA DAS MALVINAS: UMA AVALIAÇÃO DOCTRINÁRIA E EMPÍRICA.....	40
4.1	ENQUADRAMENTO DAS OPESP BRITANICAS: AÇDIR E RECESP.....	40
4.2	DISTRIBUIÇÃO TEMPORAL DOS ESFORÇOS DE OPESP.....	43
4.3	EFEITOS E IMPACTOS DAS OPESP NOS NÍVEIS DE CONDUÇÃO DA GUERRA.....	44
4.4	CONFIRMAÇÃO DA TEORIA: O ALINHAMENTO ENTRE DOCTRINA E REALIDADE.....	45
4.5	CONSIDERAÇÕES PARCIAIS.....	46

5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
	REFERÊNCIAS.....	50
	APÊNDICE A – TABELA DE SÍNTESE DAS OPESP DO RU.....	53

1 INTRODUÇÃO

A Guerra das Malvinas, ocorrida em 1982, representa um determinante episódio militar, decorrente de uma complexa teia de fatores históricos, políticos e geográficos. Essa disputa de soberania entre o RU e a Argentina culminou em um conflito armado de curta porém, de intensa duração. No cenário político pré-conflito, o RU, sob a liderança de Margaret Thatcher, enfrentava desafios internos e buscava reafirmar sua influência global. A Argentina, por sua vez, sob uma junta militar liderada pelo General Leopoldo Galtieri, utilizou a reivindicação nacionalista das ilhas como uma tentativa de desviar a atenção da crescente impopularidade interna e da crise econômica.

Embora não fosse um conflito direto da Guerra Fria, o embate se desenrolou nesse pano de fundo geopolítico, solidificando laços anglo-americanos e demonstrando a capacidade britânica de projeção de poder a longa distância. O ambiente operacional das Ilhas Malvinas impôs desafios logísticos e operacionais singulares: condições meteorológicas severas, com ventos intensos, baixas temperaturas e nevoeiro persistente, um terreno acidentado com extensas áreas de turfa e poucas vias, dificultando a movimentação de tropas e a coleta de inteligência convencional. Essa combinação de isolamento, clima inóspito e terreno complexo tornou o emprego de forças militares uma tarefa de extrema dificuldade.

Nesse contexto de alta complexidade e imprevisibilidade, o emprego de FOpEsp pelo RU emergiu como um fator distintivo e, em muitos casos, determinante para o desfecho do conflito. As Operações Especiais (OpEsp), por sua natureza, são conduzidas por pequenas unidades altamente treinadas, selecionadas e equipadas para operar com alta flexibilidade, discrição e proficiência em ambientes hostis, negados ou politicamente sensíveis. Sua relevância em conflitos modernos reside na capacidade de executar missões de alto risco onde Forças Convencionais (FC) enfrentariam inviabilidade ou riscos inaceitáveis devido à fricção clausewitziana (Spulak, 2007). A aptidão dessas forças em coletar inteligência vital, realizar ações diretas pontuais e desestabilizar o inimigo de maneiras que transcendem as capacidades das tropas regulares permitiu-lhes influenciar o curso da campanha de forma desproporcional ao seu efetivo.

Diante desse cenário e da importância capital das FOpEsp, esta dissertação busca aprofundar a compreensão sobre seu papel na Guerra das Malvinas. A questão

de pesquisa central que norteia este trabalho é: "Como o Reino Unido empregou suas Forças de Operações Especiais durante a Guerra das Malvinas?". Para responder a essa indagação, o objetivo geral do estudo é "Apresentar a distribuição de esforços dos elementos de Operações Especiais do Reino Unido durante a Guerra das Malvinas".

Para tal, a metodologia empregada baseia-se na comparação entre a teoria e a realidade empírica. O estudo fundamenta-se extensivamente em dois referenciais teóricos principais: o *Special Operations Forces Reference Manual (SOFRM)* e a obra seminal de Robert G. Spulak Jr., *A Theory of Special Operations: The Origin, Qualities, and Use of SOF (2007)*. A partir desses arcabouços conceituais, as ações do *Special Air Service (SAS)* e do *Special Boat Service (SBS)*, as principais FOpEsp britânicas empregadas no conflito, são analisadas empiricamente.

Esta dissertação está organizada em cinco capítulos. O Capítulo dois estabelece o referencial teórico das OpEsp, abordando conceitos, características e tipologias. O Capítulo três descreve cronologicamente as OpEsp executadas pelo RU na Guerra das Malvinas, fornecendo as evidências empíricas. O Capítulo quatro realiza o confronto entre a teoria apresentada e a realidade observada, enquadrando as operações nas tipologias definidas pelo *SOFRM* e analisando a distribuição temporal dos esforços. Este Capítulo, por sua vez, introduz o tema, contextualiza o problema e delinea a estrutura do trabalho. Por fim, o Capítulo cinco sintetiza as considerações finais do estudo, discute suas implicações e aponta para futuras linhas de pesquisa.

Ao final, espera-se que esta pesquisa contribua significativamente para o aprimoramento doutrinário de FOpEsp, oferecendo lições valiosas para o planejamento, treinamento e emprego dessas forças. Em particular, as análises e conclusões buscam oferecer insights práticos e conceituais para as FOpEsp da MB, consolidando a compreensão do papel operacional, estratégico e até mesmo político que essas unidades de elite desempenham em cenários de conflito contemporâneo.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS DAS OPERAÇÕES ESPECIAIS

O presente capítulo tem por finalidade apresentar ao leitor os principais conceitos relacionados a análise das FOpEsp e o enquadramento teórico da pesquisa.

Para fundamentar a apresentação da doutrina de emprego de FOpEsp, este estudo faz uso extensivo do SOFRM, ou Manual de Referência das Forças de Operações Especiais. Esta obra, em sua 5ª edição e publicada pela JSOU Press (2023), serve como um compêndio oficial de diretrizes e procedimentos para as FOpEsp dos Estados Unidos. Adicionalmente, para aprofundar a base teórica sobre a natureza e o emprego dessas forças, incorpora-se a obra seminal de Robert G. Spulak Jr., intitulada *A Theory of Special Operations: The Origin, Qualities, and Use of SOF* (2007), que explora a origem, as qualidades e o uso das FOpEsp sob uma perspectiva analítica e fundamental, complementando a abordagem prática do SOFRM com uma sólida estrutura conceitual.

Assim, serão apresentados neste capítulo conceitos teóricos, características e tipologia das OpEsp além de suas táticas, técnicas e procedimentos (TTP) empregados de acordo com dois referenciais teóricos.

2.1 OPERAÇÕES ESPECIAIS: CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS NA DOUTRINA MILITAR ESTADUNIDENSE

As OpEsp, são conduzidas por FOpEsp e podem ser definidas como pequenas unidades organizadas, dirigidas por pessoal especialmente selecionado, que fazem uso de equipamentos modificados e que são devidamente treinadas em táticas atípicas para a consecução de objetivos táticos, operacionais e estratégicos. O êxito desse tipo de operação depende da proficiência individual, de habilidades especiais aplicadas com adaptabilidade, improvisação e inovação contra adversários frequentemente despreparados para reagir (Spulak, 2007).

No contexto contemporâneo, as FOpEsp são definidas como:

Operações que exigem modos de emprego únicos, técnicas táticas, equipamentos e treinamento, frequentemente conduzidas em ambientes hostis, negados ou politicamente sensíveis, e caracterizadas por um ou mais dos seguintes: tempo sensível, clandestinidade, baixa visibilidade, conduzidas com e/ou através de forças indígenas, exigindo expertise regional

e/ou um alto grau de risco (UNITED STATES, Department of defense, 2014, p. ix., tradução nossa)¹.

Essa definição ressalta a natureza complexa das OpEsp, que são capazes de operar em uma ampla gama de cenários, desde ações diretas de curto prazo até campanhas de longo prazo em apoio a forças de resistência ou governos aliados.

As OpEsp possuem natureza de cunho militar única. Conduzidas por um número reduzido de elementos, sua eficácia não está relacionada ao efetivo de militares, mas sim ao emprego eficaz de habilidades, armamentos e TTP não convencionais. Esses fatores em conjunto, acrescidos do seu emprego sigiloso, permitem atingir áreas negadas ou sensíveis em busca de alvos de valor estratégico, operacional e tático, o que ultrapassa o que se espera de FC, distinguindo estas por diversos atributos, especialmente por ir muito além do previsível. No que tange a situações politicamente sensíveis, apenas militares devidamente treinados e dotados de elevada habilidade técnica podem atuar, uma vez que qualquer movimento incorreto pode acarretar exposição e conseqüente fracasso (United States, 2023).

Para Spulak (2007), a formulação de uma teoria das OpEsp deve, primeiramente, fundamentar-se na compreensão das lacunas operacionais e das limitações intrínsecas às FC e nas razões para estas existirem. Tais limitações, especialmente o atrito conceitualizado por Clausewitz², são elementos estruturantes que moldaram o desenvolvimento e a doutrina dessas forças militares. Nesse contexto, o autor argumenta que a execução de certas missões estratégicas, dada a inviabilidade ou o elevado risco para as FC, evidencia a indispensabilidade do emprego das FOpEsp. Estas últimas demonstram uma notável eficácia na superação de barreiras operacionais onde as unidades convencionais tipicamente encontram-se em desvantagem ou falham.

De acordo com a própria definição do autor:

¹No original: *"Special operations require unique modes of employment, tactics, techniques, procedures, and equipment. They are often conducted in hostile, denied, or politically and/or diplomatically sensitive environments, and are characterized by one or more of the following: time-sensitivity, clandestine or covert nature, low visibility, work with or through indigenous forces, greater requirements for regional orientation and cultural expertise, and a higher degree of risk."* (UNITED STATES, Department of defense, 2014)

² Carl von Clausewitz (1780-1831) foi um general e teórico militar prussiano, amplamente reconhecido por sua obra póstuma *Da Guerra (Vom Kriege)*. Sua contribuição mais influente é a compreensão da guerra não como um fim em si mesma, mas como "a continuação da política por outros meios", enfatizando sua natureza política e instrumental. Clausewitz também introduziu conceitos cruciais como o "**atrito**" (a imprevisibilidade e os obstáculos que dificultam a execução de planos) e a "**névoa da guerra**" (a incerteza e a falta de clareza nas informações durante o conflito), que afetam profundamente a tomada de decisões em combate.

Operações Especiais são missões para alcançar objetivos estratégicos onde o uso de forças convencionais criaria riscos inaceitáveis devido à fricção clausewitziana (Spulak, 2007, p.1, tradução nossa)³.

Ainda de acordo com Spulak (2007), a superação desses riscos exige que as FOpEsp abordem diretamente as fontes finais de fricção, o que é alcançado através de qualidades específicas que resultam da distribuição dos atributos do pessoal das FOpEsp.

As FOpEsp são organizações que seguem as premissas: humanos são mais importantes do que equipamentos; qualidade é melhor do que quantidade; as FOpEsp não podem ser produzidas em massa; FOpEsp competentes não podem ser criadas após a ocorrência de emergência e a maioria das OpEsp requer suporte que não seja das FOpEsp (United States, 2023).

Esse impedimento envolve os limites físicos e cognitivos dos indivíduos que atuam no combate, pela carência de informações e pela intempestividade de resultados tangíveis em um tempo maior. Assim, esses são alguns dos motivos que fazem com que as FOpEsp se distingam das tropas convencionais que regularmente apresentam impasse de conciliar a necessidade de neutralização do inimigo com os riscos que envolvem um confronto. Outro ponto importante é que as FOpEsp possuem características distintas em aspectos físicos e psicológicos, além dos militares serem treinados para a superação de riscos. Isso implica na capacidade de iniciativa majorada e atingir seletivamente objetivos que não são atingíveis por tropa convencional (Spulak, 2007).

O autor também aborda que um dos aspectos das FOpEsp é a sua atuação diferenciada das FC no que diz respeito a compreensão, conhecimento do planejamento e execução dentro do campo de batalha. Nesse aspecto, uma característica presente nas FC é que o seu trabalho é estritamente rígido e que as ordens devem ser seguidas à risca, sem possibilidade de questionamento. Já as OpEsp apresentam um campo mais flexível em que os militares se deparam com um ambiente ambíguo que requer, além de preparo, uma capacidade maior de improvisar e até mesmo julgar e decidir segundo o que ele está analisando dentro desse ambiente (Spulak, 2007).

³No original: "*Special operations are missions to accomplish strategic objectives where the use of conventional forces would create unacceptable risks due to Clausewitzian friction*". (Spulak, 2007, p.1)

Nos mesmos parâmetros de comparação, segundo o SOFRM as FOpEsp realizam dois tipos de atividades. Primeiro, elas realizam atividades que nenhuma outra força do Departamento de Defesa realiza. Segundo, as FOpEsp realizam atividades que são conduzidas pelas FC, mas o fazem em condições únicas e com um padrão mais elevado (United States, 2023).

Outro aspecto explorado por Spulak (2007) é com relação às soluções diferenciadas e os resultados estratégicos. O autor considera que as FOpEsp não seguem uma fórmula única, uma vez que as missões das OpEsp podem ser diferentes entre si, o que requer uma ação adequada de acordo com o que o conflito demanda. Nesse sentido, o propósito é planejar e executar uma estratégia devastadora por meio de ações táticas pontuais, que pode ocorrer de diversas formas, como, por exemplo, desarmando um conjunto de ações terroristas, oferecendo treinamento tático a militares locais ou até mesmo influenciando na visão do inimigo através de mecanismo psicológicos.

Igualmente, o SOFRM (United States, 2023) versa que a atuação das FOpEsp é fundamental para a obtenção de vantagem operacional, manifestando-se pela: coleta de inteligência crítica; subversão da vontade e degradação da capacidade de potenciais adversários para o engajamento militar; e incremento das capacidades de forças convencionais, sejam elas nacionais, multinacionais ou de nações parceiras.

O último aspecto abordado na teoria de Spulak (2007) é quanto a flexibilidade e a assimetria. O autor considera que esse é um dos aspectos mais relevantes para a estratégia empregada pelas FOpEsp, cuja atuação envolve a capacidade de perceber os pontos fracos do inimigo, explorando como uma forma de desestabilização, não o confrontando diretamente, mas fazendo uso de ações de grande repercussão e que, aparentemente, são menos visíveis, podendo ser empregadas de diferentes formas, como, por exemplo, por meio do apoio de tropas e forças locais, estratégias, táticas e procedimentos típicos da guerra irregular e dissimulação.

Por fim, a partir da teoria cunhada por Spulak é possível entender de forma mais ampla acerca do conceito e a da importância estratégica das OpEsp, principalmente suas características, a formação de militares altamente especializados e a sua atuação em contextos de guerra que são complexos dentro do campo da política internacional. A compreensão da teoria é de grande relevância para os pesquisadores e para os militares que buscam ter uma visão holística sobre a atuação

das FOpEsp em guerras contemporâneas e as possíveis ameaças dentro do campo de batalha em um conflito armado.

2.2 A ESTRATIFICAÇÃO DA CONDUÇÃO DA GUERRA NA DOCTRINA MILITAR BRASILEIRA

A condução de operações militares complexas requer articulação precisa entre diferentes esferas de decisão e execução. A doutrina militar brasileira, conforme o manual MD30-M-01, estratifica a condução em níveis político, estratégico, operacional e tático, garantindo sinergia no emprego conjunto das Forças Armadas. Essa estrutura hierárquica e funcional é fundamental para a análise sistêmica de engajamentos militares.

O Nível Político define objetivos e diretrizes gerais, com o Presidente da República como Comandante Supremo, apoiado por órgãos consultivos como o Conselho de Defesa Nacional (CDN) e o Conselho Militar de Defesa (CMD). A Diretriz Presidencial de Emprego de Defesa (DPED) é o principal produto deste nível, orientando o planejamento subsequente no Nível Estratégico (Brasil, 2020).

O Nível Estratégico transpõe diretrizes políticas em objetivos e planos militares de longo alcance, envolvendo o Ministério da Defesa e os Comandantes das Forças Singulares. A Diretriz Ministerial de Emprego de Defesa (DMED) e a Diretriz de Planejamento Estratégico Militar (DPEM) guiam a elaboração do Plano Estratégico de Emprego Conjunto das Forças Armadas (PEECFA) (Brasil, 2020).

O Nível Operacional conecta a estratégia ao plano tático, elaborando planejamento militar de operações e campanhas. O Comandante Operacional é responsável por traduzir objetivos estratégicos em ações coordenadas, utilizando sistemas de inteligência para atualização contínua de dados (Brasil, 2020).

O Nível Tático materializa os planos operacionais, detalhando planos e ordens para a execução de operações. Os Comandantes das Forças Componentes⁴ elaboram planos táticos em consonância com o plano operacional e as diretrizes do Comandante Operacional (Brasil, 2020).

⁴Força Componente: Conjunto de unidades e organizações de uma mesma força armada que integra uma força conjunta. Pode ser força naval componente, força terrestre componente ou força aérea componente. BRASIL. Ministério da Defesa. **MD35-G-01**. Brasília, DF: Ministério da Defesa, p.120, 2015.

A inteligência se faz necessária tanto em tempos de paz quanto de guerra, deve ser contínua e ininterrupta e abranger todos os níveis citados para que a tomada de decisões, como observa Landaburu (1988), se baseie em conhecimentos detalhados do adversário podendo prevenir conflitos entre Estados sem preparação adequada. Nesse sentido, Hopple (1984) complementa ao ressaltar que a análise estratégica deve ser um processo integrado, onde a inteligência militar precisa incorporar informações políticas, econômicas, culturais e sociológicas. A ausência de qualquer um desses fatores, em um ambiente de incerteza inerente à atividade de fazer previsões, levará a conclusões inconsistentes e, conseqüentemente, a decisões menos eficazes.

Essa estratificação em níveis de condução garante a sinergia e a coordenação necessárias para a eficácia das operações militares, sendo fundamental para a compreensão e análise de engajamentos militares complexos.

2.3 TIPOLOGIA DAS OPESP SEGUNDO O SOFRM

Para o SOFRM, (United States, 2023), as FOpEsp desempenham um papel cada vez mais proeminente no cenário dos conflitos contemporâneos, em um espectro de missões que transcende as capacidades das forças militares convencionais. A complexidade do ambiente operacional moderno, caracterizado por ameaças assimétricas, atores não estatais e a necessidade de respostas ágeis e de baixa visibilidade, tem impulsionado o desenvolvimento e a especialização das tipologias de OpEsp.

Os tipos de operações centrais das OpEsp são organizados pelo Comando de Operações Especiais dos Estados Unidos, formalmente conhecido como *United States Special Operations Command* (USSOCOM), que organiza, treina e equipa as FOpEsp para atuar em situações em que as forças convencionais não são suficientes e não possuem o devido preparo. Além disso, essas atividades podem ser adaptadas e combinadas, variando conforme a missão (United States, 2023).

O SOFRM (United States, 2023) divide as OpEsp em 12 tipos distintos, abordaremos somente os mais proeminentes no objeto do nosso estudo a saber, Ação Direta (AçDir) e Reconhecimento Especial (RecEsp).

O presente texto tem por objetivo detalhar a definição, características, perfil de força e considerações de planejamento para cada uma dessas tipologias, contribuindo

para uma compreensão mais abrangente do referencial teórico que subjaz o emprego contemporâneo das FOpEsp.

A AÇDir consiste em ataques de curta duração e ações ofensivas de pequena escala, empregando capacidades militares especializadas para apreender, destruir, capturar, explorar, recuperar ou danificar alvos designados em ambientes hostis, negados ou politicamente sensíveis. Caracteriza-se por sua natureza intrusiva e o objetivo tangível, demandando um perfil de força de operadores de elite altamente proficientes em táticas de assalto, combate aproximado e manuseio de explosivos. As considerações críticas de planejamento incluem a obtenção de inteligência em tempo real, a execução de inserções e exfiltrações rápidas e a rigorosa minimização de danos colaterais (United States, 2023).

Quanto ao RecEsp, United States (2023) descreve como compreendendo operações de vigilância e coleta/verificação de informações de relevância estratégica ou operacional em ambientes hostis, negados ou politicamente sensíveis, utilizando capacidades militares não convencionais. Sua principal característica é a clandestinidade e a baixa visibilidade, exigindo um perfil de força de operadores especializados em infiltração discreta, observação prolongada, habilidades de sobrevivência e comunicação segura. O planejamento desse tipo de operação foca na garantia da discrição total, na autossustentação da equipe por longos períodos e no gerenciamento meticuloso dos riscos de detecção e evasão.

Além disso, o manual destaca as características que distinguem as OpEsp das operações convencionais, como a necessidade de planejamento detalhado, conhecimento cultural e linguístico, treinamento rigoroso, uso discriminado da força e meios sofisticados de inserção, apoio e extração. O planejamento detalhado é essencial para garantir que todos os aspectos da missão sejam cuidadosamente considerados e que os riscos sejam minimizados. O conhecimento cultural e linguístico é fundamental para operar em ambientes estrangeiros e para construir relacionamentos de confiança com atores locais. O treinamento rigoroso é necessário para preparar as forças para os desafios únicos impostos pelas OpEsp. O uso discriminado da força é crucial para minimizar danos colaterais e garantir que a operação seja conduzida de forma ética e legal. E, por fim, meios sofisticados de inserção, apoio e extração são necessários para garantir que as forças possam operar em ambientes hostis e negados (United States, 2023).

As atividades principais desempenhadas pelas FOpEsp possuem relevância operacional significativa e constituem capacidades exclusivas que são aplicadas em diferentes combinações, adaptadas para atender a problemas operacionais específicos. Tais atividades podem ser conduzidas de forma independente ou integradas em campanhas, operações ou iniciativas conjuntas sob a liderança de comandantes de forças globais, regionais ou de outras missões coordenadas.

2.4 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Este capítulo, ao delinear os fundamentos teóricos das OpEsp por meio da obra de Robert G. Spulak Jr. e, subsequentemente, detalhar as diversas tipologias operacionais conforme SOFRM, estabelece o arcabouço conceitual indispensável para a análise empírica proposta nesta dissertação. As definições e características de cada modalidade de OpEsp apresentada fornecem um glossário operacional padronizado e um sistema de categorização robusto. Essa consolidação teórica não apenas permite discernir a natureza singular das OpEsp em contraste com as operações convencionais, como também dota o pesquisador de uma ferramenta analítica precisa para classificar e interpretar as ações dos elementos de OpEsp em contexto histórico específico do conflito em estudo. Assim, as tipificações do SOFRM, minuciosamente exploradas, servirão como o subsídio metodológico primário para o enquadramento e a quantificação das operações conduzidas pelo Reino Unido durante a Guerra das Malvinas.

Após estratificarmos cada nível de condução da guerra será possível, para cada operação executada pelas FOpEsp britânicas, mapear e compreender a proporção, natureza das atividades empreendidas, seus efeitos e, principalmente seus impactos em cada nível no contexto do conflito como um todo. Este enquadramento qualitativo e quantitativo das ações, balizado pela consistência paradigmática do SOFRM, pavimentará o caminho para as análises subsequentes: a descrição das operações no Capítulo três e, no Capítulo quatro, a análise aprofundada da distribuição temporal e qualitativa desses esforços, avaliando seus impactos nos diferentes níveis de condução da guerra, o político, o estratégico, o operacional e o tático.

3 AS AÇÕES DAS FOPESP DO RU NA GUERRA DAS MALVINAS

Este capítulo tem como objetivo apresentar uma exposição factual, descritiva e cronológica das ações das FOpEsp do RU durante a Guerra das Malvinas em 1982. A apresentação detalhada das táticas, movimentos e resultados operacionais visa estabelecer uma base empírica sólida para a confrontação teórica a ser desenvolvida no Capítulo quatro. O foco recairá sobre o papel tático, operacional e estratégico das principais FOpEsp britânicas: o SAS e o SBS, bem como sua inserção no dispositivo militar da Força Tarefa (FT) britânica enviada ao Atlântico Sul.

A Guerra das Malvinas impôs desafios significativos às forças britânicas, notadamente uma considerável lacuna de inteligência sobre as características topográficas das ilhas, as disposições das forças argentinas nestas, além de condições meteorológicas extremas, o que elevou a importância das atividades das FOpEsp para influenciar o equilíbrio estratégico a favor do RU. Segundo Freedman e Gamboa-Stonehouse (1991, p.333) que notadamente apontam: “Pela primeira vez, provavelmente desde Galípoli em 1915, uma operação anfíbia seria montada sem fotografias aéreas do inimigo” (tradução nossa)⁵.

As operações de reconhecimento, em especial, assumiram papel fundamental no conflito em estudo.

Assim, serão apresentados neste capítulo as mais significativas ações das FOpEsp empregadas pelo RU no contexto da Operação Corporate.

3.1 ORGANIZAÇÃO E COMPOSIÇÃO DAS FOPESP DO REINO UNIDO

As origens do SAS e do SBS remontam a unidades criadas na Segunda Guerra Mundial. Curiosamente, foram Oficiais subalternos que conceberam o conceito de FOpEsp. A ideia força era estabelecer uma unidade que combinasse demandas mínimas de pessoal com possibilidades máximas de surpresa. Em relação ao SBS, este também surgiu durante a guerra, de uma variedade de vertentes diferentes dentro das Forças Armadas Britânicas. Unidade pioneira, realizou o primeiro reconhecimento de praia por canoa a partir de um submarino para instalar luzes de marcação que

⁵No original: “for the first time probably since Gallipoli in 1915, an amphibious operation was to be mounted with no air photographs of the enemy” (Freedman e Gamboa-Stonehouse, 1991, p. 333).

guiariam o desembarque subsequente de forças de ataque. Quase 40 anos depois, o SBS empregaria as mesmas táticas na Baía de San Carlos, nas Ilhas Malvinas (Finlan, 2002b).

A Força-Tarefa da Operação Corporate incluía FOpEsp tanto do Exército (SAS) quanto dos Fuzileiros Navais Reais (SBS). Em 1982, a diferença entre eles era que o SBS operava abaixo do topo da zona entremarés e era tripulado por fuzileiros navais, enquanto o SAS operava acima dela e, por alguns anos, recrutava de todas as Forças Armadas. (Mackay e Cooksey, 2007).

O Ministério da Defesa publicou as diretrizes iniciais para o emprego de OpEsp em 4 de abril de 1982, designando as seguintes tarefas e qualidades para uso estratégico do SAS e do SBS: coleta de informações, desvios, busca de rotas e ação direta. As diretrizes especificavam que apoio de inteligência adequado seria necessário para a realização dessas tarefas (MOD, 1982).

Os britânicos realizaram missões de reconhecimento aéreo, mas estas não conseguiram substituir a forte dependência do reconhecimento humano e naval. Sensores e processamento aéreos não conseguiam monitorar pequenos movimentos argentinos ou estabelecer a prontidão e a localização da infantaria, e o clima e a cobertura de nuvens eram um problema constante. Os britânicos fizeram amplo uso de tropas de reconhecimento de elite durante todo o combate. Essas tropas incluíam o SAS e o SBS, que desembarcavam nas ilhas para coletar informações. As FOpEsp operavam à frente do corpo principal de tropas para coletar informações e conduzir incursões. Esse esforço britânico foi frequentemente bem-sucedido, mas poderia ter se beneficiado de sistemas de coleta aprimorados, sensores remotos, equipamento de visão noturna e navios e helicópteros apropriados para missões especiais (Cordesman, 1990).

As FOpEsp do RU demonstraram uma notável capacidade de adaptação e relevância estratégica na Guerra das Malvinas. Suas origens na Segunda Guerra Mundial, com a concepção de unidades de baixo efetivo e alto impacto, ressaltam uma visão precursora sobre o emprego de FOpEsp. A distinção entre as áreas de atuação do SBS e do SAS, juntamente com suas composições específicas, evidencia uma especialização tática que permitiu uma cobertura abrangente das necessidades operacionais no Teatro de Operações. A rápida mobilização e o emprego dessas unidades para inteligência e ações diretas em apoio às Operações Anfíbias (OpAnf) britânicas salientam seu papel indispensável na fase inicial do conflito.

O reconhecimento humano teve crítica importância especialmente diante das limitações da vigilância aérea e das condições climáticas adversas. O sucesso das missões de reconhecimento e incursões do SAS e SBS, operando à frente do corpo principal das tropas, reforça o valor da inteligência de campo e da ação direta em ambientes complexos. Contudo, a observação de que esses esforços poderiam ter sido aprimorados com sistemas de coleta, sensores remotos, equipamentos de visão noturna e meios de transporte mais adequados para missões especiais, aponta para uma lacuna tecnológica da época. Essa análise retrospectiva não apenas reconhece a eficácia das FOpEsp britânicas, mas também oferece entendimentos valiosos sobre a evolução contínua das capacidades necessárias para as FOpEsp modernas.

3.1.1 Special Air Service (SAS)

O SAS foi uma das principais unidades de FOpEsp empregadas, mobilizando inicialmente os Esquadrões D e G para o conflito sob a liderança do Tenente-Coronel Rose. Após a morte de 20 de seus homens em um acidente de helicóptero em 19 de maio, reforços foram enviados também do Esquadrão B. O Esquadrão D do SAS, sob o Comando do Major Cedric Delves, e o Esquadrão G, liderado pelo Major Andy Massey, somavam um efetivo de aproximadamente 128 homens (Finlan, 2002b). Delves (2020) descreve a estrutura de um esquadrão SAS sendo tipicamente dividida em tropas especializadas: Tropa Aérea (paraquedismo e assalto aéreo), Tropa de Barco (operações anfíbias e de mergulho), Tropa de Mobilidade (veículos e operações em desertos) e Tropa de Montanha (operações em ambientes frios e montanhosos). Embora a especialidade fosse mantida, de acordo com Finlan (2002b), na Guerra das Malvinas, os esquadrões operaram de forma mais integrada, adaptando-se às necessidades do ambiente das ilhas. A principal especialidade do SAS no conflito foi o reconhecimento profundo e patrulha, preenchendo a lacuna de inteligência vital para o planejamento das operações britânicas (Southby-Tailyour, 2014).

Revelamos assim, a flexibilidade e a resiliência dessa unidade de elite. Apesar de suas especializações internas (Aérea, Barco, Mobilidade e Montanha), a adaptação dos esquadrões para operar de forma mais integrada no ambiente das ilhas demonstra a capacidade do SAS de transcender suas divisões táticas em prol do cumprimento da missão. A mobilização inicial dos Esquadrões D e G, seguida pelo envio de reforços do Esquadrão B após perdas significativas, denota a dinâmica de

emprego e o alto custo humano das OpEsp. O destaque para o reconhecimento profundo e patrulha como a principal especialidade do SAS no conflito enfatiza o papel insubstituível dessas forças na coleta de inteligência vital. Isso ressalta não apenas a coragem e o treinamento dos operadores, mas também a dependência estratégica dos planejadores britânicos em relação à capacidade do SAS de preencher lacunas críticas de informação no teatro de operações.

3.1.2 Special Boat Service (SBS)

O efetivo do SBS empregado no conflito foi menor se comparado ao do SAS. Enviou os esquadrões dois, três e seis para o sul, com a Força-Tarefa totalizando 85 elementos sob o Comando do Major J. J. Thompson (Finlan, 2002a).

O SBS está organizado em quatro esquadrões: C, X, Z e M, cada um organizado em quatro efetivos de 16 homens. As tropas são frequentemente divididas em patrulhas de quatro homens, equipes de canoas de dois homens ou equipes de oito homens, capacidade máxima de embarcação (Special Boat Service Organization, [s.d.]).

Os homens dos Esquadrões C e X eram especialistas em operações com canoas e pequenos barcos. Utilizando canoas de dois homens e várias embarcações infláveis para inserção e extração furtivas, eles realizam missões de reconhecimento e sabotagem ao longo de costas, redes fluviais e até 40 milhas em terra. O Esquadrão Z especializou-se em ataque e inserção subaquática utilizando veículos subaquáticos autopropulsados. Treinados para operações de Contraterrorismo Marítimo, os homens do Esquadrão M se mantêm de prontidão para responder à ameaça terrorista em balsas, navios de cruzeiro, aerobarcos, petroleiros e plataformas de petróleo (Special Boat Service Organization, [s.d.]).

A principal tarefa atribuída ao SBS segundo West (1998) foi o levantamento de praias e reconhecimento de áreas e praias de desembarque para o assalto anfíbio principal.

O emprego do SBS na Guerra das Malvinas, embora com um efetivo menor em comparação com o SAS, ressalta a importância de suas capacidades especializadas no ambiente marítimo e costeiro. A organização do SBS em esquadrões com focos distintos demonstra uma arquitetura robusta e adaptável, característica intrínseca de FOpEsp. O papel primordial atribuído ao SBS, de levantamento e reconhecimento de

praias para o assalto anfíbio principal, ressalta sua função crítica como olhos e ouvidos da força de desembarque, garantindo a viabilidade e a segurança das operações futuras. Essa especialização em ambientes litorâneos e aquáticos, com o uso de meios furtivos como as canoas klepper⁶, evidencia a precisão cirúrgica de suas missões e a contribuição indispensável para o sucesso estratégico da Operação Corporate.

3.1.3 Comando e Controle (C2)

A cadeia de Comando das FOpEsp durante a Guerra das Malvinas foi integrada à estrutura da Força Tarefa, apresentando complexidades (Gardiner, 2016). O Almirante Sir John Fieldhouse, em Northwood, RU, detinha o comando geral. O Comodoro Michael Clapp e o Major General Jeremy Moore reportavam-se diretamente a ele. O Diretor do SAS, Brigadeiro Peter de la Billière, supervisionava operações do SAS a partir de Hereford (West, 1998).

O SBS foi alocado ao Comandante do Grupo-Tarefa de Guerra Anfíbia (Comodoro Clapp) para OpAnf, enquanto o SAS foi alocado ao Comandante da Força de Desembarque (Brigadeiro Julian Thompson) para missões terrestres (Mackay e Cooksey, 2007). Os três Comandantes das FOpEsp estavam baseados no HMS Fearless, próximo ao QG do Brigadeiro Thompson, facilitando a coordenação tática.

No entanto, o Major-General Moore observou que os pedidos de missões de OpEsp deveriam seguir a cadeia de comando do Comodoro de Guerra Anfíbia, mas o SAS frequentemente recebia ordens diretas do seu Oficial Comandante a bordo da HMS Fearless (Southby-Tailyour, 2014). Para coordenar e evitar conflitos, o Grupo de OpEsp foi formado em Londres, e um Coordenador de OpEsp foi nomeado em 1º de maio.

As FOpEsp usaram equipamento de comunicação tático via satélite na banda UHF com criptografia em tempo real, conectando o QG Tático com o HMS Hermes, o

⁶Modelo de canoa usada por FOpEsp, são dobráveis, podem ser submersos e armazenados debaixo d'água. São projetadas para duas pessoas, com compartimentos herméticos que os tornam inafundáveis. O equipamento da missão e o kit pessoal dos operadores são armazenados dentro dos caiaques. Quando em uso, os caiaques ficam baixos na água, proporcionando uma assinatura visual muito baixa. Outras características furtivas incluem baixas assinaturas de radar, infravermelho, acústica e térmica. Fonte: AMERICAN SPECIAL OPS. **Kayak**. [s.d.]. Disponível em: www.americanspecialops.com. Acesso em: 24 jul. 2025.

QG Conjunto Northwood e a base Hereford (Shaw, 2022). Embora essa tecnologia fosse avançada, também podia contornar a cadeia de comando e causar problemas.

O reconhecimento fornecido pelas FOpEsp foi essencial para o Comandante da Operação Corporate e para o Brigadeiro Thompson (Finlan, 2022a). A estrutura de C2 das FOpEsp na Guerra das Malvinas revela uma complexidade e desafios, mas também demonstra a intenção de manter o controle estratégico e garantir a coordenação tática.

3.2 OPERAÇÃO PARAQUET

A Operação Paraquet constituiu uma das primeiras e decisivas fases da campanha britânica para a retomada das Ilhas Malvinas, focando na retomada da Geórgia do Sul, localizadas a 810 milhas a leste das Ilhas Falklands e a 7,8 mil milhas do RU. Esta seção detalha de forma factual, descritiva e cronológica os eventos relacionados a esta operação, abordando seus objetivos, planejamento, execução, o material empregado, a logística, o ambiente operacional, as informações disponíveis, os imprevistos e seus resultados imediatos.

Segundo Miller (2023) a Operação foi conduzida por uma FT Naval composta pelo contratorpedeiro HMS Antrim, pela fragata HMS Plymouth, pelo navio-tanque Tidespring e, posteriormente, pela fragata HMS Brilliant. A força de desembarque anfíbia incluía a Companhia M do 42 Commando Royal Marines, o Esquadrão D do SAS, e dois destacamentos do SBS, embarcados no submarino HMS Conqueror. A guarnição argentina consistia em 133 fuzileiros navais e 57 civis.

Miller (2023) descreve ainda que a operação foi planejada em três fases. Na primeira fase, o SAS seria infiltrado de helicóptero na Geleira Fortuna para realizar reconhecimento dos postos avançados de Leith, Husvik e Stromness. Na segunda fase, o SBS seria infiltrado por helicóptero na área de Hounds Bay para avaliar as vias de aproximação para o assalto à guarnição argentina em Grytviken. Após a conclusão do reconhecimento pelo SAS e SBS, o 42 Commando Royal Marines desembarcaria e coordenaria um assalto às forças argentinas em Grytviken, garantindo a conquista da ilha.

A execução da Operação teve início em 21 de abril de 1982, com a tentativa de infiltração de elementos do SAS na geleira Fortuna. Esta tentativa inicial foi marcada por severas adversidades climáticas, resultando na queda de um helicóptero Wessex

da 846 Naval Air Squadron, que transportava tropas do SAS, devido às condições meteorológicas extremas e ao terreno traiçoeiro (Delves, 2020). O incidente exigiu uma complexa operação de resgate das tropas do SAS, demonstrando as condições adversas do ambiente operacional. O SBS tentou desembarcar em Hound Bay, mas foi impedido por uma forte nevasca na noite de 21 de abril, conseguindo desembarcar no dia 22 de abril e prosseguir através do Vale Sörling (Smith, 2006). Apesar deste revés, a operação prosseguiu. Em 25 de abril, após um reconhecimento mais detalhado realizado pelo SBS, que forneceu informações sobre as posições argentinas e permitiu um assalto surpresa, as forças britânicas lançaram o ataque final contra as guarnições argentinas em Grytviken e Leith. O HMS Antrim e o HMS Plymouth bombardearam as posições inimigas, enquanto helicópteros inseriam tropas terrestres. A resistência argentina foi breve e, com a chegada das forças britânicas, as tropas argentinas se renderam no mesmo dia, às 17h00, marcando o sucesso da operação (Dalle, 2022).

A obra de Delves (2020) aponta que as condições meteorológicas severas trouxeram muitos desafios as FOPEsp, com a primeira operação de inserção do SAS na Geleira Fortuna tendo resultado em um quase desastre. A inserção foi complicada pelo início de uma tempestade no Atlântico Sul. Dois dos três helicópteros Wessex enviados para extrair a tropa caíram devido a perda total de visibilidade causada por neve e nuvens. Apesar das condições adversas, um terceiro Wessex, equipado com radar e sistema de controle de voo computadorizado, conseguiu resgatar todos em segurança, mas a missão de reconhecimento teve que ser repensada. O vento forte e a tempestade de neve tornaram as condições de voo extremamente turbulentas. Os limites de emprego da aeronave para operações noturnas e o risco causado pelo seu ruído forçaram a inserção do SAS na difícil geleira Fortuna.

Delves (2020) relata ainda que após a perda dos helicópteros, o SAS tentou a infiltração por mar usando botes infláveis Gemini, mas motores não confiáveis e um mar gelado resultaram em apenas três dos cinco botes chegando ao local de desembarque; dois ficaram à deriva em alto mar durante a noite.

As missões de reconhecimento do SBS também enfrentaram desafios ambientais, nos esforços para infiltrar-se pela Baía de Cumberland. Por exemplo, foram impedidos por inumeráveis icebergs de uma geleira próxima, tornando a baía intransitável para pequenas embarcações e perfurando os botes Gemini. Além de não conseguirem cumprir sua tarefa, tiveram de ser resgatados por uma aeronave

embarcada no HMS Endurance, sendo novamente infiltrados dias depois (Delves, 2020).

Antes e durante a Operação Paraquet, as informações disponíveis sobre as forças argentinas na Geórgia do Sul eram limitadas e, por vezes, imprecisas. Inicialmente, havia um desconhecimento do poderio e a distribuição dos invasores do arquipélago. As equipes de reconhecimento do SBS foram primordiais para a coleta de inteligência em tempo real, fornecendo detalhes sobre as posições defensivas e a composição das guarnições argentinas em Grytviken e Leith (Delves, 2020).

A retomada das ilhas Geórgia do Sul propiciou efeitos no moral de toda a Força Tarefa, teve relevância para o estabelecimento de um ponto de apoio logístico à enorme Força Naval que se aproximava (Dalle, 2022). Para a junta argentina, a recaptura da Geórgia do Sul juntamente com a partida da Força Tarefa britânica foi mais um fator que desorganizaria suas expectativas (Gardiner, 2016).

A Operação Paraquet constituiu um estudo de caso paradigmático sobre o emprego de FOpEsp em ambiente hostil e isolado. O planejamento complexo em três fases, envolvendo o SAS e o SBS, visou à surpresa e à minimização de riscos, evidenciando uma abordagem tática sofisticada.

Apesar das adversidades climáticas extremas e dos revezes iniciais, o sucesso da operação em 25 de abril de 1982 reforçou o valor do reconhecimento humano e da adaptabilidade das FOpEsp. A capacidade do SBS de superar desafios e fornecer informações fundamentais foi decisiva para o assalto surpresa e a rendição das tropas argentinas, tendo um impacto estratégico e psicológico significativo na Guerra das Malvinas.

3.3 OPERAÇÃO PRELIM: ATAQUE A ILHA PEBBLE

A Operação Prelim, ou ataque a Pebble Island, foi uma das ações mais notáveis das FOpEsp britânicas durante a Guerra das Malvinas. Conduzida pelo SAS, esta incursão noturna visou neutralizar a capacidade aérea argentina em um aeródromo avançado, servindo como requisito fundamental para as OpAnf subsequentes. O ataque, ocorrido na noite de 14 para 15 de maio de 1982, é descrito como uma execução brilhante (Delves, 2020), destacando a precisão e eficácia das unidades de elite do RU.

À medida que a Força Tarefa se aproximava das ilhas, o SAS foi encarregado de atacar a base aérea da Ilha Pebble, com a intenção principal de destruir as aeronaves em solo. A Ilha Pebble ficava próxima da rota de aproximação planejada pela Força Tarefa e, portanto, a presença de aeronaves de ataque e do radar na ilha eram motivo de preocupação. Em 14 de maio, o porta-aviões HMS Hermes, escoltado pelo contratorpedeiro HMS Glamorgan e pela fragata HMS Broadsword, rumou em direção a Ilha Pebble (Phillips, 2013).

Havia grande preocupação com a ameaça representada pelas aeronaves argentinas de ataque ao solo quando a cabeça de praia britânica fosse estabelecida. Acreditava-se que um número substancial de aeronaves estivesse baseado na pista de pouso em Pebble Island, ao norte de West Falkland. Na noite de 11 de maio, uma equipe de oito homens do SAS do Esquadrão D pousou em West Falkland - em um helicóptero configurado com equipamento de visão noturna PNG, sigla em inglês para o termo *passive night goggles*⁷ -, portando canoas para a continuação de sua infiltração. Após dois dias aguardando condições meteorológicas favoráveis a infiltração, remaram silenciosamente pela estreita faixa de mar até Pebble Island e passaram o dia seguinte observando os movimentos argentinos ao redor do assentamento e do campo de aviação de posições bem escondidas. Eles confirmaram a presença de uma guarnição de pelo menos 100 homens e um número substancial de aeronaves inimigas (Hastings; Jenkins, 1984). Essa tropa de barcos, que havia infiltrado de helicóptero e depois de canoa na noite de 11 de maio, reportou ao quartel-general que os Pucarás estavam presentes como o alvo principal, mas a equipe também observou que a Ilha Pebble estava sendo usada como base de preparação para os C-130 argentinos vindos do continente. Um ataque bem-sucedido também poderia interromper essa cadeia de suprimentos (Fowler, 1992).

Phillips (2013) relata que o único sistema de defesa aérea de longo alcance nos navios era o sistema Sea Wolf do HMS Broadsword, que apresentou defeito durante a aproximação. Ventos fortes forçaram o HMS Hermes a se aproximar a 40 milhas da costa, muito mais perto do que o planejado, para que os dois helicópteros Sea King pudessem infiltrar o SAS na zona de pouso. Como um dos dois porta-aviões

⁷Equipamento de visão noturna intensificador de imagem, fabricado em vários modelos, a maioria americanos, usados por ambos os lados, mas de forma mais eficaz pelos britânicos.

da força-tarefa, o HMS Hermes era um recurso valioso e aproximar-se tão perto sem um sistema de defesa aérea de longo alcance era um risco significativo.

Na noite de 14 de maio, a equipe de reconhecimento balizou uma zona de desembarque e guiou dois Sea Kings do Hermes, transportando 45 homens do Esquadrão D sob o Comando do Major Cedric Delves, juntamente com a equipe de apoio de fogo naval do Capitão Chris Brown, composta pela 148ª Bateria e pelos 29 Artilheiros de Comando. Nos últimos anos, o apoio de fogo naval parecia uma arte cada vez mais declinante. No início da campanha das Malvinas, a 148ª Bateria estava a três meses de ser dissolvida por decreto do Ministério da Defesa (Hastings, 1984).

A operação visava destruir as aeronaves argentinas presentes na ilha, incluindo Pucarás, Mentors, Skyvans e Aeromacchis, para impedir que fossem utilizadas em ataques contra a Força-Tarefa britânica, especialmente em vista dos iminentes desembarques em San Carlos. A eliminação dessa ameaça aérea era considerada crítica para a segurança das OpAnf subsequentes (Middlebrook, 2012).

De acordo com Southby-Tailyour (2014), condições meteorológicas adversas reduziram o tempo de permanência dos elementos do Esquadrão D no objetivo para trinta minutos, em vez dos noventa minutos planejados inicialmente. Apesar disso, na noite de 14 de maio, o esquadrão foi infiltrado na Ilha Pebble, onde se juntou à Tropa de Barcos e estabeleceu uma posição segura próxima ao objetivo. Em seguida, as equipes de assalto se dividiram e executaram o ataque: enquanto parte das forças atacou o depósito de munições e combustível da base argentina, outras equipes se dirigiram ao campo de aviação e destruíram as aeronaves argentinas, incluindo Pucarás, utilizando cargas explosivas colocadas de maneira uniforme para evitar que os argentinos reaproveitassem peças. Além disso, foram empregados lançadores de granadas e foguetes antitanque leves para garantir a destruição das aeronaves. Durante a operação, os defensores argentinos foram submetidos a fogo de morteiro e naval do HMS Glamorgan. Com êxito, o SAS completou o ataque e iniciou a retirada, tendo destruído seis Pucarás, quatro aeronaves Mentors, um Skyvan, além de toda a munição e combustível armazenados, conforme relatado por Middlebrook (2012).

O SAS transportava morteiros de 81 mm, Armas Antiblindadas Leves (LAW) L1A1, cargas explosivas e fuzis de assalto M16 (alguns com lançadores de granadas M203 acoplados). Conduzidos ao alvo por um membro da Tropa de Barcos que havia pousado anteriormente como parte de uma equipe de reconhecimento, os atacantes conseguiram chegar à base aérea e lançar cargas contra sete aeronaves sem serem

detectados. Após lançarem as cargas, os atacantes abriram fogo contra a aeronave com armas de pequeno porte e LAWs. O HMS Glamorgan bombardeou a base aérea com seu canhão de 4,5", comandado por um observador avançado de apoio de fogo naval que havia acompanhado o grupo de ataque. O ataque, notavelmente semelhante aos realizados pelo SAS original no deserto do Norte da África durante a Segunda Guerra Mundial, foi um sucesso completo. A base foi destruída, com todas as 11 aeronaves, a instalação radar, munição e depósitos de combustível destruídos. As únicas baixas britânicas foram dois homens levemente feridos durante a retirada (Phillips, 2011).

Como resultado da Operação, Finlan (2022a) aponta que foram removidos permanentemente ativos argentinos importantes do campo de batalha e proporcionou uma vantagem clara e decisiva às forças britânicas. Isso permitiu que a principal Força Tarefa britânica avançasse para a fase decisiva da Operação Corporate, forçando os argentinos a revisar suas táticas.

A Operação Prelim, emerge como um exemplo paradigmático da capacidade das FOpEsp britânicas de influenciar decisivamente o curso de uma campanha militar com ações pontuais e de alto impacto. A missão do SAS de neutralizar a capacidade aérea argentina em um aeródromo avançado, servindo como pré-requisito para as subsequentes OpAnf em San Carlos, demonstra uma compreensão estratégica profunda da interconexão entre as tropas de diferentes vertentes em diferentes fases da guerra. A infiltração furtiva por helicóptero e canoa, o meticuloso reconhecimento pré-ataque e a confirmação da presença inimiga e dos alvos aéreos (especialmente os Pucarás e o papel da ilha como base de preparação para as aeronaves C-130) são testemunhos da doutrina de OpEsp que prioriza a inteligência e o planejamento detalhado. Este ataque noturno, descrito como uma execução brilhante, destaca a precisão e a eficácia que apenas unidades de elite podem alcançar.

Apesar dos riscos significativos, como o mau funcionamento do sistema de defesa aérea do HMS Broadsword e a necessidade do HMS Hermes se aproximar perigosamente da costa, a operação foi executada com sucesso notável. A adaptabilidade do SAS em lidar com o tempo reduzido no objetivo e a tática engenhosa de colocar cargas explosivas em locais idênticos em cada aeronave para impedir reparos evidenciam um nível de profissionalismo, inteligência tática e principalmente planejamento meticuloso que remonta às origens da unidade na Segunda Guerra Mundial. O apoio de fogo naval do HMS Glamorgan e o uso de

armamento específico, como morteiros, LAWs e fuzis M16 com lançadores de granadas, ilustram a sinergia entre as capacidades terrestres e navais. A destruição de todas as 11 aeronaves, do radar e dos depósitos de munição e combustível, com apenas dois feridos leves, transformou a Ilha Pebble de uma ameaça aérea em um sucesso retumbante para os britânicos, alterando as táticas argentinas e trilhando o caminho para o avanço da Força Tarefa britânica.

3.4 OPERAÇÃO SUTTON

O emprego de FOPEsp durante a Operação Sutton consistiu em uma série de ações de reconhecimento sigilosas e críticas realizadas pelo SBS na Baía de San Carlos e nas Ilhas Falkland, antes da principal OpAnf das forças britânicas, que visava a retomada das Ilhas.

O principal objetivo das FOPEsp nesta operação era realizar o RecEsp das praias da Baía de San Carlos, especificamente as áreas designadas como Red Beach e Blue Beach. A missão visava confirmar a viabilidade de um desembarque em grande escala, mapear as posições e o efetivo inimigo na área costeira e adjacente e identificar a natureza do terreno. Essas informações eram indispensáveis para garantir o sucesso do desembarque principal com o mínimo de baixas. A Baía de San Carlos foi escolhida por oferecer proteção contra mísseis Exocet, além de dificultar ataques aéreos (West, 1998; Gardiner, 2016).

Nas palavras do Brigadeiro Julian Thompson: “Começamos com um mapa em branco das Malvinas e disparamos forças especiais como uma espingarda através das ilhas para ver o que encontravam” (tradução nossa)⁸.

No planejamento e preparo para a Operação Sutton foi designado o 2 SBS para a tarefa. A infiltração e a extração seriam realizadas a partir de submarinos. Entretanto, o HMS Onyx, o único submarino convencional capaz de tais operações, havia suspenso em 26 de abril e sua chegada na área estava prevista para 31 de maio. A necessidade de um submarino para inserções do SBS havia sido explicitamente solicitada pelo Comodoro Clapp e pelo Brigadeiro Thompson, o que sublinha a importância estratégica da missão. Os enormes submarinos nucleares de 4.000

⁸No original: “We started out with a blank map of the Falklands and fired special forces like a shotgun across the islands to see what they found” (Hastings e Jenkins, 1984, p. 227).

toneladas, que estavam disponíveis mais cedo, calavam⁹ muito para se moverem perto da costa, o que os tornava inadequados para a inserção furtiva de equipes especiais. O planejamento visava a máxima discrição para evitar a detecção argentina antes da OpAnf (West, 1998; Southby-Tailyour, 2014).

As equipes do SBS iniciaram suas operações de reconhecimento nas Ilhas Malvinas a partir de 1º de maio, realizando uma série de levantamentos nas possíveis áreas de desembarque. A execução da missão envolveu a infiltração por botes infláveis Gemini e canoas Klepper. As equipes estabeleceram Postos de Observação (PO) meticulosamente homiziados, permitindo a coleta de informações detalhadas sobre as defesas argentinas e as características do terreno ao longo de vários dias. As operações eram realizadas sob um rigoroso sigilo, com movimentos cautelosos para evitar qualquer sinal da presença britânica (Gardiner, 2016; West, 1998).

Mais uma vez o PNG seria uma das armas britânicas decisivas da guerra. No início de maio, os helicópteros estavam voando seis metros acima do mar e da costa das Malvinas para desembarcar equipes de reconhecimento. Os homens avançaram penosamente pelas colinas, sobrecarregados por suas enormes mochilas, para selecionar posições de descanso antes do amanhecer. As seis equipes do SBS concentraram-se principalmente em possíveis locais de desembarque costeiros. Sete patrulhas SAS de quatro homens foram mobilizadas: três em West Falkland, uma ao redor de Darwin, uma acima de Bluff Cove e três ao redor de Port Stanley, onde já era evidente que o grosso das forças inimigas estava concentrado (Hastings; Jenkins, 1984).

Ely (2022) descreve que durante esta fase, um incidente notável ocorreu em Fanning Head. A presença de um posto de observação argentino no Cabo Fanning levou a um engajamento direto com o SBS em 21 de maio, à medida que a força-tarefa se aproximava. Este confronto destacou os riscos inerentes à operação e a presença inimiga.

⁹Calado: Calado d'água, calado na quilha, ou simplesmente calado, em qualquer ponto que se tome, é a distância vertical entre a superfície da água e a parte mais baixa do navio naquele ponto. FONSECA, Maurílio Magalhães. **Arte Naval: volume 1**. [S. l.], p. 67, 2019.

Mesmo sem a participação do meio de maior furtividade em termos de inserção de tropa, as ações de extração das equipes também foram conduzidas sigilosamente, garantindo que a inteligência fosse obtida sem comprometer a surpresa.

O emprego de submarinos seria fundamental tanto para a infiltração inicial das equipes do SBS quanto para a sua extração, de acordo com West (1998) operando discretamente nas proximidades da costa. Um aspecto a ser destacado foi a manutenção de total sigilo de rádio até o último momento possível. Essa política de silêncio de rádio minimizava a chance de interceptação argentina e a detecção da presença britânica, preservando o elemento surpresa para o desembarque principal.

Para West (1998) ainda, o ambiente operacional na Baía de San Carlos era caracterizado por condições extremamente desafiadoras. As noites eram gélidas e as águas da região eram notoriamente geladas. O terreno costeiro era exposto, com pouca cobertura, o que aumentava a dificuldade de estabelecer postos de observação camuflados e de evitar a detecção. A necessidade de operar sem serem notados por civis locais e patrulhas argentinas adicionava uma camada de complexidade e estresse mental à missão, exigindo um alto nível de disciplina e furtividade.

A inteligência coletada pela Operação Sutton confirmou a fraca defesa argentina na área. Essa confirmação foi essencial e permitiu o sucesso da OpAnf em 21 de maio de 1982, com baixas mínimas na fase inicial (West, 1998).

Dessa forma, os desembarques iniciais foram bem-sucedidos. A surpresa completa foi alcançada e o plano detalhado para o desembarque e cronometragem de helicópteros funcionou perfeitamente. Todos os principais objetivos foram alcançados ao amanhecer de 21 de maio e todas as tropas de combate desembarcaram em quatro horas e meia após a Hora H. Outro fator que contribuiu para o desembarque em segurança foram os ataques diversionários do SBS e do SAS em Fanning Head e Goose Green, juntamente com os ataques dos Harriers em Port Stanley e Fox Bay. No entanto, a Força Aérea Argentina logo fez sua presença ser sentida. Toda a FT, agora posicionada em San Carlos, foi submetida a grande número de ataques aéreos. Os Harriers não conseguiram impedir que todos os ataques acontecessem. O HMS Antrim e o HMS Argonaut foram atingidos e o HMS Ardent afundou. Em contrapartida, o inimigo perdeu nove Mirages, cinco Skyhawks e três Pucarás. Em terra, tivemos apenas baixas leves, com dois helicópteros Gazelle abatidos e um total de quatro mortos e 28 feridos (Badsey, 2005).

Fanning Head era um local ocupado por forças argentinas armadas com canhões sem recuo de 106 mm (muito úteis contra embarcações de desembarque de movimento lento), que dominavam San Carlos. O SBS atacou esta posição em 21 de maio, matando 11 pessoas e ferindo três, além de forçar o restante da companhia argentina a se retirar da área (Middlebrook, 2012).

Desembarcar em San Carlos proporcionou uma sensação de alívio às tropas, que se sentiam mais seguras em terra do que em navios expostos a ataques (Gardiner, 2016). A informação detalhada sobre o terreno e as forças inimigas possibilitou que as forças britânicas estabelecessem uma cabeça de praia segura, que se tornou a base para o avanço terrestre subsequente.

A Operação Sutton exemplifica de forma notável a dependência britânica da inteligência de reconhecimento especializado e da furtividade para o sucesso de uma operação de grande escala. A escolha da Baía de San Carlos, visando proteção contra ameaças aéreas e mísseis, reforça o planejamento minucioso por trás da principal OpAnf. O SBS, com sua expertise em operações costeiras e aquáticas, foi fundamental para confirmar a viabilidade dos locais de desembarque e mapear as defesas inimigas, fator determinante para minimizar baixas. A analogia do Brigadeiro Julian Thompson de espalhar FOpEsp através das ilhas ilustra perfeitamente a abordagem proativa de usar pequenas equipes de elite para esclarecer o desconhecido, preenchendo as lacunas de inteligência que os meios convencionais não conseguiam suprir em um ambiente tão inóspito e sob extremo sigilo.

A execução da Operação Sutton, caracterizada pela infiltração com botes infláveis e canoas, o estabelecimento de PO homiziados e a manutenção rigorosa do silêncio de rádio, destaca a disciplina e a capacidade de operar sob condições ambientais e psicológicas extremas. A chegada tardia do HMS Onyx forçou uma adaptação dos métodos de infiltração do SBS devido a ausência do meio ideal para esse tipo de inserção de tropa. O uso de PNG para inserções noturnas e a persistência das equipes em terrenos desafiadores, mesmo em face de incidentes como o confronto em Fanning Head, salientam a resiliência e a determinação do SBS e do SAS. A inteligência precisa fornecida por essas operações de reconhecimento, ao confirmar a fraca defesa argentina na área de desembarque, foi o catalisador que permitiu o sucesso do assalto anfíbio em 21 de maio de 1982, com baixas iniciais mínimas. Isso reforça a ideia de que o investimento em FOpEsp para reconhecimento

estratégico e ações de distração é um multiplicador de força inestimável em cenários de alta complexidade.

3.5 ASSALTO AO MONTE KENT

Para Miller (2023), o Monte Kent teve importância estratégica; é uma elevação de 1,5 mil pés que dominava as vias de acesso a Port Stanley. A inteligência havia revelado que o Monte Kent estava em grande parte desocupado pelas forças argentinas, possivelmente devido ao terreno difícil e às péssimas condições climáticas.

A execução da missão ocorreu na noite de 27 para 28 de maio de 1982. Helicópteros Sea King transportaram o Esquadrão D do SAS para a base do Monte Kent. A infiltração foi realizada sob condições de escuridão total. Ao se aproximarem do topo, o SAS estabeleceu contato com patrulhas de reconhecimento argentinas. Este combate resultou em um breve, mas intenso choque direto. As tropas do SAS empregaram suas armas leves e táticas de combate aproximado para superar a resistência argentina, garantindo a conquista do Monte Kent ao custo de mínimas baixas. Uma vez no controle, o Esquadrão D do SAS estabeleceu posições defensivas, aguardando reforços do Regimento de Paraquedistas para consolidar a posição e prepará-la para o avanço principal (Dalle, 2022; Delves 2020).

O objetivo principal da missão era a conquista e o asseguramento do Monte Kent. Esta elevação, estrategicamente localizada no leste das Malvinas, era um ponto de observação privilegiado e uma posição chave para controlar as rotas de aproximação em direção a Port Stanley. A missão do Esquadrão D do SAS era realizar o assalto inicial ao Monte Kent (Delves, 2020), garantindo sua posse antes da chegada de forças convencionais em maior número.

Para Anderson (2002) a posse do Monte Kent estabeleceu uma posição estratégica determinante para o avanço britânico em direção a Port Stanley. A partir deste ponto, as forças puderam estabelecer postos de observação, conduzir fogo de artilharia com maior precisão e lançar novas operações ofensivas. A conquista marcou o início de uma série de combates por outras elevações estratégicas que precederam o assalto final à capital. Além disso, a posição proporcionou inteligência vital sobre o dispositivo inimigo, confirmando que a atenção argentina estava focada no eixo sul, o que influenciou os planos de ataque britânicos.

Para a consolidação da conquista e manutenção definitiva da posse da elevação, Middlebrook (2012) cita que o SAS foi rendido pelo 42 Commando Royal Marines, permitindo que o SAS fosse realocado para outras operações especializadas.

O assalto ao Monte Kent destaca novamente a capacidade do SAS de operar como uma força de ponta em missões críticas de reconhecimento bem como de assumir tarefas inerentes a tropas convencionais como conquista de parcela do terreno de relevância estratégica. A escolha do Monte Kent, uma elevação dominante que controlava as vias de acesso a Port Stanley, demonstra uma clara visão da importância do terreno elevado no planejamento da campanha. A inteligência inicial, que indicava uma ocupação mínima argentina devido às condições adversas, sugere que o SAS foi empregado para explorar essa vulnerabilidade percebida. A infiltração noturna em condições de escuridão total e o subsequente contato com patrulhas argentinas, que resultou em um confronto direto, confirmam a natureza de alto risco dessas operações e a prontidão do SAS para engajar o inimigo quando necessário, utilizando táticas de combate aproximado para alcançar seus objetivos com o mínimo de baixas refletindo também em alto rendimento das FOpEsp.

A rápida conquista e o asseguramento do Monte Kent pelo SAS estabeleceram um ponto de apoio de vital importância para o avanço britânico. A partir dessa posição, as forças terrestres ganharam uma vantagem significativa, permitindo o estabelecimento de postos de observação, o direcionamento de fogo de artilharia e o lançamento de operações ofensivas subsequentes. A inteligência coletada no Monte Kent, confirmando o foco argentino no eixo sul, foi fundamental para moldar os planos de ataque britânicos, demonstrando o impacto estratégico das ações bem-sucedidas das FOpEsp. A subsequente rendição do SAS ao 42 Commando Royal Marines, após a consolidação da posição, reflete a doutrina de emprego de FOpEsp: elas são usadas para abrir caminho e garantir pontos críticos, liberando-as para novas missões de alto valor, enquanto as forças convencionais consolidam os ganhos territoriais.

3.6 OUTRAS OPERAÇÕES: MIKADO E PLUM DUFF

A Operação Plum Duff foi uma missão de reconhecimento preliminar destinada a apoiar a Operação Mikado. Ela visava obter informações sobre as aeronaves Super Étendard e os mísseis Exocet na Base Aeronaval de Rio Grande, na Argentina

continental. A equipe de oito homens do Esquadrão B do SAS foi inserida por um helicóptero Sea King, que, devido a problemas de navegação em meio a nevoeiro, pousou acidentalmente em território chileno. Esse incidente resultou na queima do helicóptero e na rendição da tripulação às autoridades chilenas. Embora a patrulha do SAS tenha prosseguido a pé, a missão foi eventualmente cancelada devido à perda do elemento surpresa e às condições adversas (Southby-Tailyour, 2014).

A Operação Mikado, por sua vez, tinha como objetivo a destruição das aeronaves Super Étendard e dos mísseis AM39 Exocet na mesma base aeronaval. O plano previa o uso de dois aviões Hércules C-130 da Royal Air Force (RAF) para pousar diretamente na pista inimiga, realizar o ataque e, em seguida, fugir a pé ou de avião para o Chile. No entanto, a operação nunca foi executada devido ao fracasso da Operação Plum Duff e ao alto risco de perdas e complicações diplomáticas (Phillips, 2013; Southby-Tailyour, 2014). O planejamento da Operação Mikado envolveu a adaptação dos Hércules para reabastecimento em voo e o transporte de veículos Land Rover e grande quantidade de explosivos, demonstrando a complexidade e a audácia do plano.

As Operações Mikado e Plum Duff oferecem valiosas lições sobre os limites do planejamento e da execução em cenários complexos. Elas destacam a importância de uma logística eficiente, de inteligência precisa e de condições climáticas favoráveis para o sucesso de missões de alto risco. Além disso, demonstram a disposição das FOpEsp britânicas de assumir riscos extremos para eliminar ameaças de alto valor, mas também a sapiência em abortar missões quando os riscos se tornam insustentáveis (Finlan, 2002b). Esses episódios reforçam o fato de que, mesmo para as FOpEsp mais capazes, o sucesso nunca é garantido, e que a fronteira entre o audacioso e o impraticável é frequentemente definida por imprevistos ou inexatidão de informação.

3.7 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

As conclusões parciais deste Capítulo sintetizam o emprego e a relevância das FOpEsp empregadas pelo RU na Guerra das Malvinas, detalhando-as cronologicamente. A análise das operações evidencia a complexa distribuição de esforços desses elementos especializados. Revelaram-se padrões consistentes no

planejamento, execução e nos resultados, moldados pelas capacidades das FOpEsp e pelas condições impostas pelo ambiente.

O ambiente operacional das Malvinas, com condições climáticas extremas, terreno escarpado e visibilidade reduzida, impôs riscos significativos às missões das FOpEsp. Operações como a Paraquet e a Plum Duff, marcadas por acidentes e falhas logísticas devido ao clima adverso e obstáculos naturais, sublinharam os perigos inerentes à infiltração e operação em cenários hostis e muitas vezes desconhecidos. Essa realidade, frequentemente imprevisível, demandou alta adaptabilidade e resiliência das equipes, tornando o ambiente um fator crítico para o sucesso ou fracasso das missões.

Apesar dos riscos, a alta efetividade das FOpEsp britânicas foi reiteradamente demonstrada, impulsionada pela necessidade de tecnologia avançada. O emprego de sistemas de comunicação via satélite criptografados e equipamentos de visão noturna (PNG) revelou-se determinante para a obtenção de inteligência e a execução de ações furtivas em condições adversas. Essa combinação de capacidades tecnológicas e o treinamento especializado permitiu o cumprimento de missões críticas, desde o reconhecimento profundo até AçDir, garantindo uma vantagem tática e operacional que as FC dificilmente alcançariam com a mesma precisão e discrição.

As ações das FOpEsp apresentaram impactos e resultados além do nível tático. Operacionalmente, a coleta de inteligência detalhada sobre as defesas argentinas e as características do terreno foi fundamental para o planejamento dos desembarques principais em San Carlos, minimizando baixas e assegurando a cabeça de praia. Estrategicamente, a retomada da Geórgia do Sul (Operação Paraquet) e a neutralização de aeronaves nas Ilhas Pebble (Operação Prelim) removeram ameaças significativas à Força-Tarefa britânica e desorganizaram as expectativas argentinas, forçando uma revisão de suas táticas. Politicamente, os sucessos iniciais contribuíram para elevar o moral das tropas e consolidar o apoio da opinião pública à campanha. A distribuição de esforços nas diferentes tarefas das FOpEsp, portanto, demonstrou ser um multiplicador de força, criando oportunidades e desestabilizando o inimigo em momentos determinantes da campanha.

Em síntese, o percurso cronológico das OpEsp britânicas na Guerra das Malvinas revelou que a distribuição de esforços desses elementos foi dinâmica e adaptável às exigências do campo de batalha. Cada ação — seja de reconhecimento (Sutton), ação direta (Pebble Island, Monte Kent), ou tentativas de ataque de maior

risco (Plum Duff/Mikado) — representou uma alocação estratégica de recursos altamente especializados para cumprir objetivos específicos que impactaram o curso da campanha. A capacidade de operar em condições extremas, de coletar inteligência vital e de executar ações de precisão com alta efetividade, mesmo diante de limitações e imprevistos, ressaltou a importância dessas forças na arquitetura da vitória britânica. Os resultados obtidos em diversos níveis da guerra corroboraram a assertiva de que as FOpEsp são um componente indispensável em conflitos modernos.

Esta apresentação descritiva das OpEsp britânicas prepara o caminho para uma compreensão aprofundada de seu papel em conflitos contemporâneos. Sugere-se para o Capítulo quatro uma confrontação teórica das ações descritas com os modelos doutrinários de OpEsp. Além disso, uma análise comparativa com a doutrina norte-americana e a investigação das limitações estruturais, organizacionais e conceituais que influenciaram os resultados operacionais, conforme o objetivo da dissertação, poderão oferecer valiosas lições para o aprimoramento doutrinário de forças militares similares.

4 EMPREGO E IMPACTO DAS OPESP DO RU NA GUERRA DAS MALVINAS: UMA AVALIAÇÃO DOCTRINÁRIA E EMPÍRICA

Este capítulo propõe uma avaliação aprofundada do emprego das FOpEsp do RU durante a Guerra das Malvinas, servindo como um estudo de caso empírico para validar e aprofundar os fundamentos teóricos discutidos no Capítulo dois. Serão detalhados o enquadramento das principais operações executadas nas categorias de AçDir e RecEsp, a distribuição temporal desses esforços ao longo do conflito e, principalmente, seus impactos abrangendo os níveis político, estratégico e operacional da condução da guerra. Por fim, o Capítulo buscará confirmar o alinhamento entre a doutrina e a realidade observada, extraindo *insights* valiosos para a doutrina militar brasileira.

4.1 ENQUADRAMENTO DAS OPESP BRITANICAS: AÇDIR E RECESP

As operações britânicas nas Malvinas ilustraram vividamente a aplicação das tipologias de AçDir e RecEsp definidas pelo SOFRM.

A Operação Paraquet, focada na retomada da Geórgia do Sul, envolveu fases distintas. A infiltração inicial do SAS na Geleira Fortuna para reconhecimento profundo e a avaliação do SBS em Hounds Bay para locais de desembarque caracterizaram-se como RecEsp, conforme as tipologias do SOFRM. Essas ações visavam a obtenção de dados em um ambiente de escassez de inteligência, elemento crítico para o planejamento. A fase subsequente de assalto britânico a Grytviken e Leith configurou uma AçDir. A operação evidenciou a importância do reconhecimento humano em ambientes desafiadores e a capacidade das FOpEsp em atuar como vanguarda para a retomada de território.

Apesar dos desafios inerentes à execução, como os incidentes decorrentes das condições meteorológicas extremas, a operação alcançou o controle da ilha. A atuação das FOpEsp ofereceu uma alternativa à utilização de bombardeios navais convencionais ou operações com FC que poderiam resultar em maiores perdas, especialmente para as forças argentinas. Esta capacidade das FOpEsp de fornecer soluções para objetivos estratégicos onde o uso de FC geraria riscos considerados inaceitáveis alinha-se à teoria de Spulak, que postula a existência dessas forças para mitigar a fricção clausewitziana em cenários de alta sensibilidade.

A Operação Prelim, ou ataque à Ilha Pebble, caracterizou-se como uma AçDir, com elementos de RecEsp em sua fase pré-ataque. A infiltração do SAS empregou métodos discretos, resultando na não detecção antes do início da ação principal. Para o ataque ao aeródromo, a cobertura rápida da distância até o objetivo foi um requisito crítico do planejamento, priorizando a velocidade no movimento das tropas. Em poucas horas, o efetivo do SAS neutralizou a capacidade aérea argentina na Ilha Pebble, sofrendo um número reduzido de baixas.

As ações do SAS nas aeronaves em solo, coordenadas com o bombardeio naval britânico, ilustraram a integração de operações. Após a execução da AçDir, o grupo de assalto e a equipe de reconhecimento foram extraídos por helicópteros Sea Kings para o HMS Hermes, evidenciando a interoperabilidade da *Royal Navy* (RN) no apoio à irrupção.

O ataque à Ilha Pebble demonstrou a aplicação das capacidades das FOpEsp na criação de uma Iniciativa Estratégica para o RU na Guerra das Malvinas. O aeródromo foi um alvo selecionado para produzir efeitos múltiplos: a neutralização de uma capacidade aérea argentina (aeronave Pucará), a interrupção da mobilidade estratégica (uso do aeródromo para trânsito de C-130) e a eliminação de uma ameaça iminente. Essa operação alinha-se à teoria de Spulak Jr. ao exemplificar como as FOpEsp são empregadas para alcançar objetivos estratégicos em cenários onde o uso de FC poderia implicar riscos considerados inaceitáveis, notadamente na neutralização seletiva de ameaças de alto valor.

A Operação Sutton, anterior ao desembarque principal em San Carlos, configurou uma atividade de RecEsp. O SBS realizou o reconhecimento das praias da Baía de San Carlos, com o objetivo de mapear posições inimigas e identificar as características do terreno. Métodos de infiltração e retirada furtivas, o estabelecimento de PO homiziados e a manutenção de sigilo nas comunicações via rádio foram empregados para garantir a discrição. A inteligência coletada contribuiu para a seleção das praias de desembarque e facilitou o subsequente desembarque principal com reduzidas baixas. Adicionalmente, ações diversionárias ao desembarque principal, combinadas com a neutralização de ameaças específicas, auxiliaram na mitigação de riscos para a OpAnf.

A chegada tardia do HMS Onyx nos estágios iniciais da campanha, forçou a flexibilização para uso de meios de infiltração mais detectáveis e potencialmente

arriscados, os novos desafios e riscos impostos não impediram as FOpEsp de realizarem suas tarefas com total discricção.

O SBS realizou o reconhecimento das praias da Baía de San Carlos, mapeando posições inimigas e identificando as características do terreno. A infiltração e retirada furtivas, o estabelecimento de PO homiziados e o controle rigoroso nas comunicações via rádio foram características substanciais para a manutenção do sigilo. A inteligência coletada foi decisiva para a escolha das praias de desembarque e o consequente sucesso do desembarque principal com baixas mínimas, denotando o papel do RecEsp na redução de incertezas e habilitação de operações de grande escala. Além disso, ações diversionárias ao desembarque principal combinadas com a neutralização de ameaças específicas reforçaram as condições de realização da OpAnf em segurança.

O Assalto ao Monte Kent configurou-se primariamente como uma AçDir, embora com características de RecEsp devido à inteligência coletada na fase de aproximação. A operação envolveu um movimento de FOpEsp com o objetivo de conquista de terreno, uma tarefa frequentemente associada a FC. A infiltração do efetivo do SAS foi viabilizada pelo uso de equipamentos de visão noturna (PNG) pelos pilotos de helicóptero, permitindo a inserção em condições de escuridão total e contribuindo para a redução da capacidade de reação argentina. O SAS foi empregado para a conquista de uma elevação de valor que controlava as vias de acesso a Port Stanley. Por meio de combate aproximado, o SAS assegurou a posse do monte com mínimas baixas, estabelecendo uma posição taticamente relevante para o avanço britânico. Esta operação ilustrou a capacidade das FOpEsp de atuar como força de vanguarda, precedendo e consolidando terreno para o avanço posterior de FC, o que se alinha à premissa de Spulak Jr. sobre a superação de lacunas operacionais.

A coordenação entre as inserções das FOpEsp e o apoio logístico/tático das unidades de apoio, incluindo a utilização de equipamentos e adestramento específico para métodos de infiltração, demonstrou a importância das Operações Integradas. Este fator revela ser um elemento significativo para a efetividade de OpEsp.

No âmbito da Iniciativa Estratégica, a conquista do Monte Kent pelas FOpEsp britânicas, realizada com celeridade, estabeleceu um ponto de domínio no terreno. Essa ação proporcionou uma vantagem posicional para o prosseguimento da campanha, influenciando os planos argentinos e consolidando uma condição

favorável para as forças britânicas nos níveis tático e operacional, com reverberações no nível estratégico.

As Operações Mikado e Plum Duff, embora não tenham resultado em sucesso, demonstraram aspectos críticos inerentes a operações de alto risco. A Operação Plum Duff, classificada como RecEsp para coleta de inteligência sobre mísseis Exocet na Argentina continental, foi comprometida por problemas de navegação e condições climáticas adversas. A Operação Mikado, uma planejada AçDir para destruição desses mísseis, não foi executada devido à perda do elemento surpresa e à avaliação de riscos considerados inaceitáveis.

Esses eventos, que não culminaram nos objetivos previstos, evidenciam os limites do emprego de FOpEsp quando fatores como logística inadequada, inteligência imprecisa e condições ambientais extremas amplificam a fricção operacional. Em alinhamento com a teoria de Spulak, que aborda a superação de lacunas operacionais, esses episódios ressaltam que, mesmo para unidades de elite, a concretização dos objetivos é condicionada à mitigação de múltiplos fatores de incerteza. A decisão de abortar as missões em face de riscos acentuados confirma a gestão de custos-benefícios intrínseca ao planejamento de Operações Especiais.

4.2 DISTRIBUIÇÃO TEMPORAL DOS ESFORÇOS DE OPESP

A cronologia observada no emprego das FOpEsp britânicas nas Malvinas revelou uma distribuição dinâmica, adaptável e correlacionada dos esforços entre AçDir e RecEsp. Na semana de 19 a 25 de abril, a Operação Paraquet combinou intensos esforços de RecEsp e AçDir para a retomada da Geórgia do Sul. O RecEsp inicial foi vital para suprir a lacuna de inteligência, habilitando o sucesso da AçDir de conquista territorial. As semanas de 26 de abril a 9 de maio foram marcadas pela predominância do RecEsp, com equipes do SBS e SAS persistindo em missões de reconhecimento nas Ilhas Malvinas. Essa fase foi crucial para o planejamento da principal OpAnf, visando coletar inteligência detalhada sobre as defesas e condições dos locais de desembarque em San Carlos. A semana de 10 a 16 de maio viu uma intensificação e diversificação, com a Operação Prelim (AçDir) neutralizando a ameaça aérea em Pebble Island, enquanto a Operação Plum Duff (RecEsp) e o planejamento da Mikado (AçDir) refletiam a busca por neutralizar ameaças estratégicas em ambientes mais distantes, mesmo com alto risco. A semana de 17 a

23 de maio foi central, culminando nas OpAnf em San Carlos, diretamente habilitados pelo RecEsp da Operação Sutton. Este sucesso operacional validou os esforços contínuos de inteligência. Por fim, na semana de 24 a 30 de maio, o foco retornou à AçDir com o Assalto ao Monte Kent, visando abrir caminho para o avanço das forças convencionais em direção a Port Stanley, enquanto a Operação Mikado era abortada. A semana de 31 de maio a 6 de junho marcou a consolidação e extração das últimas equipes de RecEsp do SBS, indicando o fim da fase crítica de reconhecimento para o desembarque.

As informações sobre as operações detalhadas cronologicamente neste capítulo, são sintetizadas no Apêndice A para uma visualização consolidada.

Essa distribuição temporal demonstra a adaptabilidade das FOpEsp às fases e necessidades do conflito, migrando do reconhecimento inicial para ações diretas e suporte ao avanço, conforme as implicações causadas devido a evolução no teatro de operações.

4.3 EFEITOS E IMPACTOS DAS OPESP NOS NÍVEIS DE CONDUÇÃO DA GUERRA

As FOpEsp britânicas geraram impactos significativos em todos os níveis da condução da guerra, validando sua capacidade diversificada.

No Nível Político, os sucessos iniciais (Paraquet, Prelim) elevaram o moral das tropas e consolidaram o apoio da opinião pública britânica, fornecendo legitimidade e sustentação ao esforço de guerra. Concomitantemente, esses êxitos desorganizaram as expectativas da junta argentina, minando sua confiança. As operações de alto risco como Mikado e Plum Duff, embora falhas, demonstraram a disposição do nível político em assumir riscos extremos para mitigar ameaças estratégicas, ao mesmo tempo em que a decisão de as abortar revelou a prudência política em evitar escaladas e falhas com repercussões negativas.

O acionamento das FOpEsp realizado diretamente pelo nível estratégico, através de diretrizes específicas emitidas pelo próprio Ministério da Defesa do RU, denotam a necessidade de inteligência e de requisitos a serem atendidos pelas FOpEsp no referido nível.

A retomada da Geórgia do Sul e a neutralização da ameaça aérea em Pebble garantiram respectivamente, um ponto de apoio logístico a principal Força-Tarefa e condições mais seguras ao desembarque reduzindo os riscos de ataques aéreos. A

inteligência fornecida pelo SAS e SBS influenciou diretamente o planejamento e a tomada de decisões operacionais dos Comandantes, como a escolha da área de desembarque e a moldagem dos planos de ataque.

Ainda no Nível Operacional, as FOpEsp foram essenciais para o asseguramento de operações de grande escala. Proveram inteligência crítica para o planejamento operacional, preenchendo lacunas de dados onde outros meios falhavam. Degradaram a capacidade operacional inimiga ao atingir alvos de alto valor (como as aeronaves em Pebble) e demonstraram agilidade e adaptação em cenários complexos, operando à frente do corpo principal para informar e ajustar os planos operacionais de forma dinâmica. A conquista do Monte Kent, por exemplo, teve um impacto tático direto na progressão da campanha terrestre, fornecendo uma base essencial para o avanço das forças convencionais.

4.4 CONFIRMAÇÃO DA TEORIA: O ALINHAMENTO ENTRE DOCTRINA E REALIDADE

A análise das operações nas Malvinas robustece a teoria sobre o emprego de FOpEsp, confirmando tanto os princípios gerais quanto as características específicas da AçDir e RecEsp do SOFRM.

O conflito ratificou que as FOpEsp são empregadas para alcançar objetivos em cenários onde o uso de FC criaria riscos inaceitáveis, superando a fricção clausewitziana. A proficiência individual, habilidades especiais, adaptabilidade, improvisação e inovação dos operadores foram decisivas para o sucesso, confirmando premissas das OpEsp como qualidade é melhor do que quantidade e que humanos são mais importantes do que equipamentos. A atuação em ambientes hostis, negados e politicamente sensíveis, com sua inerente clandestinidade e baixa visibilidade, foi uma constante. A flexibilidade e assimetria das FOpEsp, capazes de alternar funções e gerar efeitos desproporcionais, foram determinantes para desestabilizar o inimigo e moldar o campo de batalha.

A realidade operacional nas Malvinas alinou-se notavelmente com as definições do SOFRM. A AçDir foi demonstrada pela Operação Prelim (destruição de alvos), o Assalto ao Monte Kent e a retomada da Geórgia do Sul em Paraquet. Essas missões foram ataques de curta duração, ofensivos, em ambientes hostis e com uso de capacidades especializadas. O RecEsp foi precisamente ilustrado durante a

Operação Sutton, caracterizada pela vigilância, coleta de informações de relevância estratégica ou operacional em ambiente negado, com foco em clandestinidade e baixa visibilidade. A Operação Plum Duff, apesar de falha, reforçou a natureza do RecEsp como busca de inteligência sensível em áreas restritas. A capacidade de combinar e alternar essas tipologias, muitas vezes com RecEsp habilitando AçDir, demonstrou a versatilidade das FOpEsp.

4.5 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

A análise do emprego das FOpEsp na Guerra das Malvinas constitui um estudo de caso significativo sobre o uso dessas forças em conflitos contemporâneos. A análise detalhada das operações britânicas, considerando seu enquadramento doutrinário e seus impactos nos níveis tático, operacional, estratégico e político, indicou que as FOpEsp atuaram além do nível tático. Elas demonstraram capacidade de influenciar nos diversos níveis da condução da guerra e no curso da campanha.

A experiência observada nas Malvinas fornece subsídios para a doutrina militar brasileira. Essa experiência evidencia a importância da seleção e formação de pessoal com proficiência individual, adaptabilidade e capacidade de operar em ambientes extremos. Adicionalmente, ressalta a relevância da proficiência em táticas de precisão para AçDir e RecEsp. Destaca-se também a importância da integração dessas forças nos diversos níveis do planejamento e execução de operações de forma sinérgica, reconhecendo sua contribuição como multiplicadores de força.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação se propôs a investigar e analisar o emprego das FOpEsp do RU durante a Guerra das Malvinas, com o propósito de compreender como as unidades de elite atuaram e influenciaram o desdobramento do conflito e quais lições podem ser extraídas para o contexto militar contemporâneo. No intuito de responder à questão central de pesquisa - Como o RU empregou suas FOpEsp durante a Guerra das Malvinas? - e ainda, tendo como escopo apresentar a distribuição de esforços dos elementos de OpEsp do RU, seguiu-se uma abordagem metodológica que comparou a teoria com a realidade, utilizando como base o SOFRM e a teoria de Robert G. Spulak Jr. Assim, esta pesquisa buscou oferecer uma avaliação aprofundada do papel das FOpEsp em cenários anfíbios, insulares e de alta complexidade.

O percurso da dissertação foi delineado em uma estrutura que buscou uma investigação progressiva e integrada do tema. O Capítulo dois, estabeleceu a base conceitual ao explorar as definições, características e a tipologia das OpEsp, diferenciando-as das FC e abordando a fricção clausewitziana e os níveis de condução da guerra. Os principais destaques foram a essência das FOpEsp como solucionadoras de lacunas operacionais, operando em ambientes hostis e sensíveis, com base na proficiência individual e na adaptabilidade. O Capítulo três apresentou uma descrição cronológica e factual das operações-chave do SAS e do SBS, como a Operação Paraquet, Prelim, Sutton, o Assalto ao Monte Kent, e as operações Mikado e Plum Duff. Este Capítulo enfatizou a organização, o comando e controle, e as TTP empregadas pelas FOpEsp britânicas, revelando a complexidade das missões e os desafios impostos pelo ambiente operacional das Malvinas. Por sua vez, o Capítulo quatro enquadró as ações descritas nas tipologias de AçDir e RecEsp do SOFRM, analisou a distribuição temporal dos esforços ao longo da campanha e avaliou seus impactos nos diferentes níveis de condução da guerra: político, estratégico, operacional e tático.

As considerações parciais de cada capítulo, embora não reiteradas textualmente, foram o alicerce para a construção de uma conclusão geral mais abrangente, que suplanta o tratamento pontual das operações. A experiência nas Malvinas ratificou que as FOpEsp não se limitam a impactar o nível tático. Pelo

contrário, demonstraram ser um multiplicador de força capaz de influenciar decisivamente os níveis operacional, estratégico e até mesmo político.

A retomada da Geórgia do Sul na Operação Paraquet e a neutralização da ameaça aérea em Pebble Island pela Operação Prelim, por exemplo, não apenas alcançaram objetivos táticos imediatos, mas também geraram impactos operacionais ao garantir pontos de apoio logístico e condições mais seguras para o desembarque principal. Também tiveram efeitos políticos ao garantir a aprovação da opinião pública dos britânicos em relação a decisão do uso da força por Margaret Thatcher e contribuir para desorganizar as expectativas argentinas. O Assalto ao Monte Kent solidificou posição decisiva para o avanço terrestre, evidenciando a capacidade das FOpEsp de preceder as FC em operações convencionais. As capacidades de atuar em diversos níveis, combinando ações de AçDir e RecEsp com flexibilidade e assimetria, foi um fator determinante para o sucesso britânico, confirmando a premissa de que as FOpEsp são empregadas para alcançar objetivos em cenários onde o uso de FC seria impossível ou criaria riscos inaceitáveis.

A relevância das principais conclusões deste estudo reside na clara convergência com a teoria. A Guerra das Malvinas provou ser um estudo de caso empírico que validou os princípios do SOFRM e da teoria de Spulak Jr., especialmente no que tange à importância da proficiência individual, adaptabilidade, e a primazia da qualidade sobre a quantidade em FOpEsp. A realidade do conflito, marcada por condições meteorológicas extremas, falhas de equipamento e complexidades de C2, exigiu a máxima aplicação das qualidades das FOpEsp: proficiência individual, adaptabilidade, improvisação e resiliência. Desafios logísticos, como a ausência de meios de inserção furtivos e de C2, com a necessidade de coordenar unidades dispersas e atuantes em diferentes ambientes, foram superados pela inventividade e alta capacidade dos operadores, demonstrando que o fator humano e a resiliência psicológica são tão ou mais críticos que o equipamento. As operações demonstram a eficácia das FOpEsp em atuar em ambientes hostis, negados e politicamente sensíveis, mantendo clandestinidade e baixa visibilidade. A capacidade de combinar e alternar tipologias operacionais, com o RecEsp frequentemente habilitando AçDir, reforça a versatilidade dessas forças.

Para futuras pesquisas, sugere-se aprofundar investigações sobre a integração das tecnologias emergentes em OpEsp. A evolução da guerra híbrida, com a crescente fusão de elementos convencionais, irregulares, cibernéticos e

informativas, apresenta um campo fértil para investigar como as FOpEsp podem adaptar suas TTP. A contínua miniaturização de sensores, o avanço em inteligência artificial para análise de dados e a sofisticação de meios de inserção e extração podem remodelar a eficácia das FOpEsp e requerem estudo aprofundado, reforçando a busca pela clandestinidade e o impacto desproporcional em domínios não-cinéticos como o ciberespaço e o espectro eletromagnético.

As possibilidades de desenvolvimento futuro residem, portanto, na exploração de como a doutrina das FOpEsp pode incorporar esses avanços tecnológicos para manter a superioridade em cenários vindouros, bem como na adaptação de sua estrutura e treinamento para enfrentar ameaças que não se encaixam nas categorias tradicionais. Isso inclui a capacidade de operar em domínios não-cinéticos citados.

Para a MB, as implicações deste estudo são significativas. Ao enfrentar desafios em um extenso litoral e com possessões insulares, pode aprimorar sua doutrina de emprego de FOpEsp navais para missões de segurança marítima, defesa de infraestruturas críticas e projeção de poder em ilhas oceânicas, onde a desproporção dos impactos das ações dessas unidades podem gerar resultados decisivos. A flexibilidade demonstrada na Guerra das Malvinas denota ainda a necessidade de aprimoramento da doutrina para que sejam capazes de atuar tanto de forma independente quanto sinergicamente com FC, otimizando recursos e ampliando o espectro de opções estratégicas em defesa dos interesses nacionais.

Recomenda-se o desenvolvimento de programas de treinamento conjunto entre FOpEsp navais e de outras forças, visando otimizar a sinergia em OpAnf e em ambientes insulares. Pesquisa e desenvolvimento de equipamentos de inserção e extração adaptados às características geográficas brasileiras e continuamente, priorizar a seleção e o treinamento de militares com elevada proficiência individual, adaptabilidade e resiliência físico-psicológica, aptos a operar em qualquer cenário.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Duncan. **Essential histories: The Falklands War 1982**. Great Britain: Osprey publishing, 2002.
- BADSEY, Stephen; HAVERS, Rob; GROVE, Mark (eds.). **The Falklands Conflict Twenty Years On: Lessons for the Future**. London; New York: Frank Cass, 2005.
- BRASIL. Ministério da Defesa. Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas. Doutrina de operações conjuntas: 1º volume (conceitos doutrinários). 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Defesa, 2020.
- BRASIL. Ministério da Defesa. Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas. Glossário das Forças Armadas. Brasília, DF: Ministério da Defesa, 2015.
- CLAPP, Michael. **EWAN SOUTHBY-TAILYOUR. Amphibious Assault Falklands. The Battle of San Carlos Water**, London: Leo Cooper, 1996.
- CORDESMAN, Anthony H.; WAGNER, Abraham R. **The lessons of modern war**. Boulder, Colo: London: Westview Press ; Mansell Pub, 1990.
- CUNHA, Lorenzo Augusto Zasso. **Guerra das Malvinas (1982): as lições para a soberania**. Artigo publicado no Repositório Universitário da Ânima (RUNA), 2022.
- DALLE, Rafael Diniz Mascarenhas. **A Guerra das Ilhas Falklands/Malvinas: quatro décadas de um conflito que ainda não chegou ao fim**. São Paulo: Dialética, 2022.
- DELVES, Cedric. **Across an angry sea the SAS in the Falklands war**. London: Hurst & Company, 2020.
- ELY, Nigel. **GOOSE GREEN: the decisive battle of the falklands war - by the british troops who fought it**. S.l.: Jhon Blake Publishing Ltd, 2022.
- FINLAN, Alastair. British Special Forces and the Falklands conflict: Twenty years on. **Defense & Security Analysis**, [s. l.], v. 18, n. 4, p. 319–332, dez. 2002a.
- FINLAN, Alastair. British Special Forces in the Falklands War of 1982. **Small Wars & Insurgencies**, [s. l.], v. 13, n. 3, p. 75–96, dez. 2002b.
- FOWLER, W. (1992). **Battles for the Falklands (I) land forces**. London, UK: Osprey Publishing.
- FREEDMAN, Lawrence. **The official history of the Falklands Campaign**. Volume 2: War and diplomacy. London: Routledge, 2005.
- FREEDMAN, Lawrence; GAMBOA-STONEHOUSE, Virginia. **Signals of War. The Falklands Conflict of 1982** (Princeton UP 1991)
- GARDINER, Ian. **The yompers: with 45 commando in the Falklands War**. Barnsley, South Yorkshire: Pen & Sword Military, 2016.

HASTINGS, Max; JENKINS, Simon. **The battle for the Falklands**. New York: Norton, 1984.

HOPPLE, Gerald W. Intelligence and Warning Lessons. in WATSON, Bruce W; DUNN, Peter M. (org) **Military Lessons of the Falklands Islands War** – Views from United States. New Boulder: Westview Press Inc., 1984.

LANDABURU, Carlos A. La Guerra de las Malvinas. Buenos Aires: Círculo Militar, 1988.

MACKAY, Francis; COOKSEY, Jon. **Pebble Island: Operation Prelim**. Barnsley: Pen & Sword Military, 2007(Elite forces operations series).

MIDDLEBROOK, Martin. **The Falklands War**. Barnsley, South Yorkshire: Pen & Sword Military, 2012.

PHILLIPS, Russell. **A damn close-run thing: a brief history of the Falklands conflict**. Truro: Shilka Publishing, 2013.

PRESTON, A. **Sea Combat of the Falklands: the lessons that must be learned**. London: Willow, 1982.

SHAW, Tony. **SAS South Georgia Boating Club: An SAS Trooper's Memoir and Falklands War Diary**. Havertown: Pen & Sword Books Limited, 2022.

SMITH, Gordon. **Battle atlas of the Falklands War 1982, by land, sea and air**. Rev., ed. Penarth: Naval-History.Net, 2006.

SOUTHBY-TAILYOUR, Ewen. **Exocet Falklands: the untold story of special forces operations**. Barnsley, South Yorkshire: Pen & Sword Military, 2014.

SPECIAL BOAT SERVICE (SBS) ORGANISATION. Elite UK Forces, [s.d.]. Disponível em: <https://www.eliteukforces.info/special-boat-service/organisation/>. Acesso em: 17 jul. 2025.

SPULAK JR., Robert G. **A theory of special operations: the origins, qualities, and use of SOF**. Hurlburt Field, FL: Joint Special Operations University, 2007.

UNITED KINGDOM. Ministry of Defence. (1982). Chief of staff committee fourth meeting. Meeting Notes. Disponível em: <http://www.margaretthatcher.org/>. Acesso em 17 jul. 2025.

UNITED STATES. Department of Defense. **JP 3-05, Special Operations**. Washington, D.C.: Department of Defense, 2014.

UNITED STATES. Joint Special Operations University. SOFRM, Special Operations Forces Reference Manual. Fifth Edition. MacDill Air Force Base, Florida: JSOU Press, 2023.

WATSON, Bruce W.; DUNN, Peter M. **Military lessons of the Falkland Islands War**. Boulder: Westview Press, 1984.

WEST, Nigel. **The secret war for the Falklands: the SAS, MI6, and the war Whitehall nearly lost**. London: Warner Books, 1998.

WILLIAMS, Kevin J. **The characteristics of successful special operations integration in contested amphibious operations**. Fort Leavenworth, Kansas, 2020. Tese (Master of Military Art and Science) — U.S. Army Command and General Staff College, 2020.

APÊNDICE A – TABELA DE SÍNTESE DAS OPESP DO RU

Operação	Unidade	Período	Meios	Tipo	Impacto
Paraquet	SAS	21 a 25ABR	He	RecEsp	Tático
	SAS	22 a 25ABR	Bote	RecEsp	Tático
	SBS	22 a 25ABR	Bote	RecEsp	Tático
	SAS/ SBS	25ABR	HMS Antrim e Plymouth	AçDir	Político/ Estratégico
Prelim	SAS	11 a 14MAI	HE/ canoa	RecEsp	Tático/ Operacional
	SAS	14 a 14MAI	HMS Glamorgan	AçDir	Operacional
Sutton	SBS	1 a 21MAI	Bote/ Canoa	RecEsp/ AçDir	Tático/ Operacional
	SBS/ SAS	21MAI	HE	AçDir	Operacional
Monte Kent	SAS	24 a 28MAI	He	RecEsp	Operacional
	SAS	27 a 28MAI	He	Conquista e Manutenção de terreno	Tático/ Operacional

Fonte: Autor.